

a chama



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO



FESTA LITERÁRIA DE LARANJEIRAS



CONHEÇA OS PROJETOS APOIADOS PELA APM

PROJETOS SOCIAIS/PROJETOS CULTURAIS

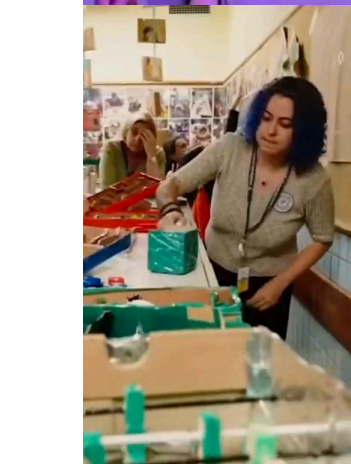
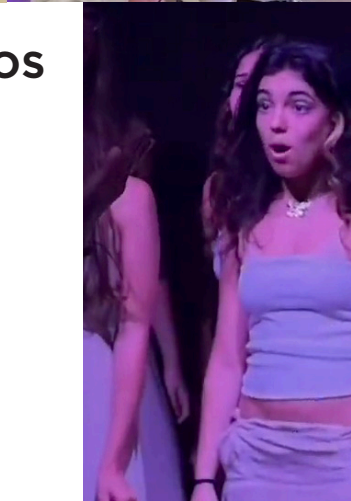
Voluntárias da Caridade
Camisas do Bem
Caixa de Abelhas
Bolsas e Saídas Pedagógicas
Livros e Uniformes para bolsistas integrais
ONG Teto
Junte e Ajude (lacres e tampinhas)

PROJETOS CULTURAIS E EDUCACIONAIS

Corais e Teatro
Jogos Vicentinos / Torneios e Olimpíadas
Ciranda de Livros
Palestras e Rodas de Conversa
Revista *A Chama*

EVENTOS APOIADOS

Churrasco de confraternização de ex-alunos
Excursão ao Caraça
Festa Junina
Feira de Cultura e Compromisso Social
Festa de Natal dos Funcionários
Festa Literária de Laranjeiras
Trocas e Doações de Livros



a chama

Vol. LII Nº 115
Dezembro/ 2025

Revista editada pela
Associação de Pais e Mestres do
Colégio São Vicente de Paulo

Supervisão Editorial
Adryana Dantas Furtado e Sacha Leite

Reportagem, redação e edição de textos
Sacha Leite e convidados

Revisão de conteúdo
Norma Hoffmann

Revisão
Clarissa Luz e Mariano Lopes

Diagramação
Ligia Barreto

Produção Editorial
Beth Messias

Capa e 4ª capa
Malena de Santi – 3º ano EM

Fotos
Arquivo CSVP, School Picture, Joana Torres, Imagens capturadas de vídeos no instagram do CSVP, Lélia Gonzalez/ Arquivo Januário Garcia/ Acervo Instituto Moreira Salles, reprodução tirinha do livro Armandinho Três, página 60, de 2014; Florianópolis/SC/ Alexandre Beck, Raphael Nogueira, Miguel Macedo; Imagens da seção "Produção Literária" produzidas por Sacha Leite com OpenAI DALL-E

Jornalista Responsável
Sacha Leite – Mtb: 30383/RJ

DIRETORIA DA APM

Diretora presidente
Adryana Dantas Furtado

Diretora Vice-presidente
Yajaida Rodriguez Maia

Diretora secretária
Sacha Mofreita Leite

Diretora social
Sue Wolter Vianna

Diretora tesoureira
Andreia Vieira Marques

Conselho fiscal
Elizabeth Messias Feitosa
Miriam Yanikian
Neuza Miklos Pereira

Suplentes
Rebeca Lussac Kiperman
Fabiana Martins da Costa
Juliana Maia Nunes

Representante dos professores
Paulo Henrique Andrade

Secretário
Edelvino Panizzi

Representante eclesiástico
Ir. Adriano Ferreira, CM

Rua Cosme Velho, 241
Cosme Velho – Rio de Janeiro,
RJ – CEP 22241-125
Tel. (21) 3235-2900
revistachama@csvp.g12.br

2	DIREÇÃO EDUCAÇÃO, UMA LUTA COLETIVA
5	NOVIDADES OBRAS E REFORMAS NO CSVP
6	CAPA DE PORTAS ABERTAS PARA A LITERATURA
11	CIDADANIA DIGITAL NÃO É SÓ SOBRE LETRAMENTO DIGITAL
15	TRANSFORMADORA SOCIAL MISSÃO NO AMAZONAS
18	ESPORTES EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E QUESTÕES DE GÊNERO
20	MENINAS NO FUTEBOL
21	GRÊMIO ESTUDANTIL O QUE É, PARA QUE EXISTE E A QUEM SERVE?
22	AÇÃO SOCIAL PARA MELHORAR AS CONDIÇÕES DE VIDA
25	CERRO CORÁ CORRESPONDÊNCIAS
28	PRODUÇÃO LITERÁRIA
32	ARTIGO O QUE A ESCOLA TEM A APRENDER COM LÉLIA GONZALEZ?
35	ARTIGO SOBRE BOLSAS E UTOPIAS
36	ARTIGO UMA JORNADA COLETIVA
37	ENTREVISTA GIOVANNA RAMUNDO

QUERIDA COMUNIDADE VICENTINA,

Este foi um ano repleto de desafios e aprendizados para quem frequentou o Colégio São Vicente de Paulo. Não somente para os estudantes, mas para toda a comunidade escolar, formada por professores, funcionários e pelas famílias vicentinas. Foi o ano de construir as bases para a chegada da educação infantil e também de conviver com as obras de modernização do colégio.

Nesta edição, n. 115, experimentamos abrir alguns espaços que havia tempo que não eram disponibilizados, tais como: seções para a divulgação de artigos literários e poemas de estudantes e seus responsáveis. Lorena, Carol, Pedro, Miriam, Rodrigo, Diego, Luís, e outros educadores, mães e pais de estudantes do CSVP, partilham aqui suas opiniões, vivências e percepções sensíveis da realidade, em temáticas que se convertem em ideias e palavras, que certamente irão surpreender você.

Procuramos abarcar alguns dos muitos eventos e das atividades relevantes que aconteceram no colégio ao longo do ano. Nosso CSVP hoje conta com site mais moderno e atualizado, equipe de comunicação que produz um blog, divulgado no site da escola, além de postar frequentemente conteúdos nas redes sociais (fotos, vídeos e textos), registrando o dia a dia da escola. Inclusive lançaram um boletim, que circula de tempos em tempos pelo ClassApp, para divulgar exemplos de transformadores sociais.

Editada pela Associação de Pais e Mestres (APM) desde 1973, a revista A Chama tem procurado se colocar como um veículo pertencente à comunidade escolar, e portanto escrito por seus integrantes e para eles, assumindo papel de testemunha, que observa e registra, mas também exercendo função crítica, dialógica e artística, com peças que interpretam livremente a realidade, propondo sentidos e leituras possíveis para ela.

Esta edição da Chama vem animada pela 2ª Festa Literária de Laranjeiras (FliLa), que marca também o lançamento do acordo do Movimento Desconecta; pela ilustração de capa da Malena, que já contribuiu inúmeras vezes com sua arte, para as edições da revista, e este ano conclui o ensino médio: nosso muito obrigada pela parceria e desejo de sucesso!

Pelo projeto social que aproximou frequentadores da biblioteca do Cerro Corá aos estudantes e educadores do CSVP; pela ação que seleciona estudantes interessados em contribuir de forma voluntária para o projeto Teto, que levanta residências emergenciais em áreas de pobreza extrema, no Rio de Janeiro.

Pela ex-aluna que acaba de vencer um prêmio literário internacional, por outra ex-aluna que dedicou suas férias ao trabalho voluntário em um barco-hospital no Amazonas. Pelo projeto de financiamento de bolsas pelas famílias para o aumento da diversidade na escola. E muito mais! Venha com a gente, e boa leitura!



EDUCAÇÃO, UMA LUTA COLETIVA

POR SACHA LEITE

O Colégio São Vicente foi, durante seus 65 anos de trajetória, dirigido por padres católicos vicentinos. Desde o início de 2025, entretanto, o colégio está sob a direção de um irmão. Na Congregação da Missão, fundada por São Vicente de Paulo, na França, há exatos 400 anos, o irmão é um leigo consagrado que fica liberado para realizar trabalhos diversos, sempre com o objetivo de ajudar os mais necessitados. Assim, Irmão Adriano pôde se dedicar a uma gama de trabalhos em sua caminhada vocacional, exercendo funções como a coordenação de projetos sociais da Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM), a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no CSVP, a coordenação do departamento de Comunicação Social da PBCM, a coordenação do 7º ao 9º ano no CSVP e, mais recentemente, à direção do CSVP Rio.

Irmão Adriano residia na Casa Central anexa ao Colégio São Vicente, quando foi convocado a assumir a direção do Colégio. Nascido em Santa Bárbara, Minas Gerais, ele ingressou no seminário em 2003 e, cinco anos depois, foi incorporado à Congregação da Missão, mantenedora do Colégio e responsável pela pedagogia vicentina expressa no Projeto Político-Pedagógico da escola e na proposição de atividades que promovam a justiça social e a caridade.

“NÃO É POSSÍVEL PENSAR A EDUCAÇÃO DE MANEIRA INTEGRAL SEM OUVIR TODOS OS ENVOLVIDOS NO PROCESSO EDUCATIVO.”

IRMÃO ADRIANO

À frente da direção há quase um ano, ele tem procurado ouvir a comunidade escolar, construir soluções viáveis conjuntamente, realizar obras de modernização e expansão da escola, inclusive construindo “do zero” a educação infantil, que será instalada no prédio anexo. Em conversa remota com o Ir. Adriano, CM, a redação da revista *A Chama* propôs algumas questões, para registro e conhecimento das percepções e propostas desenvolvidas ao longo do primeiro ano letivo como diretor da instituição. Obrigada pela disponibilidade, Irmão Adriano, e boa leitura a todos e todas!

1. Você decidiu estudar educação antes ou depois de entrar no seminário?

Depois. Apesar de gostar da área desde sempre, acabei me enveredando pelos caminhos da educação a partir da orientação dos meus superiores na Congregação da Missão.

2. O que é educar para você e quais figuras o inspiram a ser um educador melhor?

Acredito que educar é um ato de fé. Não é possível ser educador sem ter a crença de que cada ser humano pode ir além de onde está. Educar é acreditar, com todo coração e entendimento, que todos podemos ser melhores a partir das trocas que realizamos. Nesse sentido, me inspiro muito nas ideias de São Vicente e Paulo Freire.

3. A seu ver, quais os grandes pilares que fazem do São Vicente o colégio que ele é hoje?

O CSVP carrega consigo uma longa tradição educativa pautada por excelência acadêmica, humanismo e compromisso social. Buscando sempre a formação integral de cada um dos seus estudantes, tendo como base as virtudes vicentinas, o nosso Colégio se esforça para desenvolver uma educação crítica e libertadora, que visa formar agentes de transformação social.

4. Você tem se mostrado aberto a ouvir as necessidades das famílias e da comunidade escolar, desde que entrou na direção. Qual foi o seu diagnóstico inicial?

A parceria família-escola é um ponto norteador de nosso trabalho. Não é possível pensar a educação de maneira integral sem ouvir todos os envolvidos no processo educativo. A partir das escutas dos estudantes, dos educadores e das famílias, tenho entendido que o São Vicente está em um bom caminho. Claro que há ajustes necessários, como a implantação da educação infantil, as reformas e ampliações da nossa estrutura física e a atualização do PPP. Estamos trabalhando constantemente nisso.

5. O PPP do Colégio é uma referência importante para toda a comunidade escolar. De que maneira estão planejando proceder a sua atualização?

Temos muito orgulho do nosso Projeto Político-Pedagógico, ele é o principal marco de referência para a construção do modelo de educação do CSVP. Tudo o que fazemos aqui emana do PPP, mas ele já completou dez anos de publicação e muita coisa mudou no mundo desde então. Por isso, já iniciamos o processo de atualização do PPP. Esta ação envolverá toda a comunidade (educadores, estudantes e famílias), por meio da participação em grupos de trabalho temáticos, que trabalharão ao longo do primeiro semestre de 2026.

6. Você foi coordenador de projetos sociais na PBCM. Qual é a importância de se engajar em um projeto social para a formação do indivíduo?

Minha pesquisa de mestrado foi sobre a participação dos alunos do CSVP em projetos sociais, e todos os estudantes que entrevistei à época se mostraram positivamente impactados por essa participação. Ser vicentino é sair de seu enclausuramento e olhar para o outro, especialmente os mais necessitados, e a participação em ações sociais é uma das boas maneiras de conhecer novas realidades que ajudam a aguçar o desejo de ser mais solidário.

7. Como o CSVP se posiciona em relação à preparação para o Enem e outros concursos?

O CSVP desenvolve a formação de seus estudantes de maneira integral, visando prepará-los para os desafios que a vida exigirá deles. Nesse sentido, buscamos preparar nossos estudantes não apenas para os concursos, mas também para ser um bom estudante universitário e, na mais alta instância, um bom cidadão, que contribua de maneira positiva para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Confiamos muito na solidez da formação que oferecemos aos nossos estudantes, e o reflexo disso é que, nos últimos anos, a maior parte dos nossos estudantes consegue aprovação na universidade e no curso desejado, alcançando bom desempenho não apenas nos concursos, mas também na vida acadêmica.

8. Como avalia os primeiros anos de proibição do uso de smartphones na escola?

Hoje nós podemos notar que os estudantes estão se socializando cada vez mais, tanto em sala quanto nos recreios, a escola se tornou mais “barulhenta”, porque as pessoas estão falando mais entre si, e não por meio de silenciosas mensagens. O nível de atenção na sala também melhorou bastante, os professores relatam que, antes de implementarmos essa regra, perdiam muito tempo pedindo os alunos para desligarem e guardarem os celulares, eles tinham que disputar a atenção dos alunos com os aparelhos. Com a regra, isso cessou, gerando maiores e melhores oportunidades para a construção do conhecimento no espaço coletivo da sala de aula.

9. Se pudesse escolher uma palavra ou expressão para resumir como é ser diretor do Colégio São Vicente, qual seria?

Luta. Gosto muito do poema “O lutador”, de Carlos Drummond de Andrade, “Lutar com palavras / é a luta mais vã / Entanto lutamos / mal rompe a manhã”. Aqui estou na luta cotidiana que é trabalhar com educação, luta difícil e que parece não ter fim, mas é a luta que escolhi e gosto de lutar, porque é uma luta coletiva, que não tem o objetivo de vencer o outro, mas de crescer junto com ele.





OBRAS E REFORMAS DO CSVP 2025

POR PE. TÚLIO MEDEIROS, CM

O segundo semestre letivo no Colégio São Vicente de Paulo no ano de 2025, no bairro do Cosme Velho, tem se caracterizado por um período de avanços significativos, tanto no campo pedagógico quanto na ampliação e modernização dos espaços físicos destinados ao pleno desenvolvimento das atividades educativas. Em consonância com a missão institucional de promover uma formação integral, humana e cristã, o Colégio vem investindo em melhorias estruturais que visam garantir um ambiente mais seguro, acolhedor e adequado às exigências contemporâneas da educação básica.

Entre as principais obras realizadas, destaca-se a cobertura do quadrão, um projeto esperado pela comunidade escolar, especialmente por estudantes e educadores. A nova estrutura possibilita a ampliação das atividades esportivas em diferentes condições climáticas, garantindo conforto, segurança e continuidade aos projetos pedagógicos.

Outro avanço importante é a adequação da área de manobra das vans escolares, fundamental para oferecer maior organização, fluidez e segurança no transporte dos estudantes. A intervenção contribui diretamente para o bem-estar das famílias, dos motoristas de vans e da equipe interna responsável pelo acompanhamento da entrada e saída dos estudantes.

No âmbito da expansão pedagógica, destaca-se a reforma integral do prédio recém-adquirido, que abrigará, a partir do início de 2026, a unidade da Educação Infantil do CSVP e dos anos iniciais. Esta obra representa um marco no processo de crescimento institucional e reafirma o compromisso da escola com uma educação inicial de excelência, em ambientes projetados especialmente para as necessidades das crianças em sua primeira etapa da vida escolar. As intervenções envolvem adequações estruturais, acessibilidade, segurança e criação de espaços lúdicos e pedagógicos.

Além disso, já concluímos a reforma do auditório localizado no 4º andar do prédio principal, espaço essencial para a realização de eventos acadêmicos, culturais e pastorais. A modernização contemplou melhorias acústicas, revisão de equipamentos e renovação estética, assegurando condições adequadas para encontros formativos, assembleias e apresentações dos estudantes.

Somam-se a essas iniciativas as pinturas e revitalizações em diversas áreas do Colégio, que não apenas contribuem para a conservação do patrimônio, mas também promovem um ambiente mais agradável, organizado e motivador para toda a comunidade educativa.

Em síntese, o segundo semestre tem sido marcado por um esforço contínuo de melhorias do espaço escolar, alinhado às prioridades institucionais e às expectativas de alunos, famílias e educadores. Cada melhoria reflete o compromisso do Colégio São Vicente de Paulo com a excelência acadêmica, a responsabilidade na gestão dos recursos e a missão vicentina de servir com dedicação, acolhimento e zelo.

Em 2026, os investimentos continuam, tudo para sempre aprimorar e entregar uma educação de qualidade pedagógica e estrutural para toda a comunidade educativa. Aguardem as novidades.

CSVP ABRE AS PORTAS PARA DIA DE LITERATURA DA FLiLa 2025

POR CELSO JÚNIOR

De portas abertas para a literatura, para música e para a comunidade, foi assim que o Colégio São Vicente de Paulo recebeu a Segunda Edição da FLiLa, a Festa Literária de Laranjeiras, no sábado dia 15 de novembro. O evento reuniu centenas de pessoas ao longo de todo o dia, na escola, e contou com uma programação diversificada, com destaques para as mesas de debates, oficinas infantis, performances de ilustradores, shows musicais e apresentação de alunos. Foram atividades para todas as idades que reuniram gerações de pais, alunos e ex-alunos.

A FLiLa é uma iniciativa nascida em 2024, na Casa 11 – um Sebo e Livraria formado por um coletivo, com mais de 140 sócios, que possuem como lema uma vida com “mais livros, menos farmácias”. A intenção é democratizar a literatura em todas as faixas etárias, e nada mais útil para essa missão do que se unir ao ambiente escolar do Colégio São Vicente de Paulo.

A possibilidade de parceria da FLiLa com o Colégio surgiu depois de um encontro em um lançamento de livro da autora cubana, Teresa Cárdenas, na escola, ainda este ano. Logo, o entusiasmo da Associação de Pais e Mestres da instituição se tornou um combustível a mais para a transformação do projeto em realidade comunitária.

“Assim que surgiram as primeiras conversas do nosso diretor, Irmão Adriano Ferreira, com a Casa 11 para a realização do evento, ele logo pensou em contar com o apoio da nossa APM. E eu não resisti ao convite, e já concordei de com a ideia logo de primeira, e fui em busca de levar a proposta à nossa diretoria para deliberação. Com zero resistência, no mês seguinte, em junho, já estávamos nos reunindo para começar os preparativos e pensar na programação para todo esse acontecimento, que nos deixa muito felizes”, revelou a presidente da Associação de Pais e Mestres do Colégio, Adryana Dantas Furtado.

Com entusiasmo, Adryana contou que, para a APM, ter o Colégio sediando uma Festa Literária é fortalecer o papel da escola como referência cultural, mostrando às famílias o quanto investe em formação integral, indo além do currículo formal. “É se aproximar da comunidade em que está inserido, ampliando o sentimento de pertencimento junto aos comerciantes e moradores locais, movimentando a economia com a presença de vários sebos que possuem comércio na região. Além





disso, demonstra o quanto é importante incentivar o gosto pela leitura, transformando a literatura numa experiência viva e divertida e oferecendo alternativas para aqueles que perceberam a necessidade de desconectar de redes sociais, se conectando com pessoas, livros e música”.

Uma das sócias da Casa 11, a médica cardiologista Ana Luísa Rocha Mallet, detalhou que, por meio da organização coletiva, eles têm conseguido aumentar a presença literária no bairro, mantendo uma série de atividades culturais interessantes, sempre gratuitas e com a participação de grandes autores e personalidades. “Já estivemos com Valter Hugo Máe, Andrea del Fuego, Ana Paula Araújo, Frei Beto, Evandro Teixeira, Simas e muitas outras pessoas. A Dília Gouveia faz um evento mensal conosco chamado ‘Filosofia na praça’, em que ocupamos a pracinha Maria Portugal no primeiro sábado de cada mês, abordando sempre autores significativos da literatura”, conta Ana Luísa, já deixando o convite para os próximos encontros.

Para facilitar o fluxo da leitura, os livros da Casa 11, em sua maioria, são livros já lidos por outras pessoas, recebidos em geral como doação, o que possibilita um preço bastante acessível. “E temos um lema nos livros já lidos: nosso preço

é sugestão, mas ninguém que quiser muito um livro vai deixar de levá-lo”, ressalta Ana Luísa.

O diretor do CSVP, irmão Adriano Ferreira, deixou uma mensagem especial para o evento, na qual fez questão de ressaltar a importância de receber a Festa Literária de Laranjeiras. “A gente recebe e acolhe todos vocês, palestrantes, pessoas que vêm lançar os seus livros, pessoas que vêm para assistir, para participar, amantes da literatura, amantes das artes... que venham e aproveitem bastante esse evento. Em tempos de ChatGPT, ler e escrever literatura é algo muito importante, porque é algo que nos humaniza. Então, a gente não pode nunca abrir mão disso. Incentivar a literatura é essencial e é isso que nós queremos aqui no Colégio São Vicente”.

DESCONEXÃO E ACESSIBILIDADE NA MESA DE DEBATE

Entre estandes de sebos, lançamentos de autores independentes, programação infantil, apresentações de chorinho e performances de alunos, um dos grandes destaques da Segunda Edição da Flila no CSVP, sem dúvida foram as mesas



"A feira está super interessante, movimenta e alegre o bairro, traz a criança para o universo da literatura. Eu estudei aqui por 10 anos e a escola sempre teve muitos eventos culturais, e agora esse está ainda mais aberto à comunidade. Trouxe minhas três filhas de sete anos para participarem, e a leitura já faz parte da vida delas também, temos todo um incentivo, pois venho de uma família de professores e eu sou jornalista"

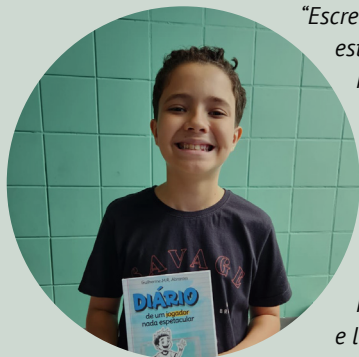
Vinicius Neder, 45 anos,
jornalista e ex-aluno do CSVP.



"No geral, eu adoro os eventos do Colégio e já vinha antes mesmo de ser aluna. Hoje está super animado, tem muitas opções de livros, eu adoro ler e os preços estão ótimos, com certeza eu vou escolher alguns para levar para casa. Meus gêneros favoritos são suspense, terror, e acho que tem boas opções aqui no evento. Além de tudo, a agitação está muito divertida e esses eventos são muito legais para gente descontraír e relaxar um pouco da pressão normal da escola, já que estamos em época de provas".

Emili Campos, 14 anos, aluna do 9º ano do CSVP.





"Escrevi meu livro aos 10 anos, agora estou com 11. Comecei a história num dia em que eu estava à toa e levei cerca de quatro meses para concluir. O meu livro é sobre um menino que ama futebol, mas não sabe jogar. A minha intenção é escrever mais uns três livros e dar continuidade a essa história, que todos os meus amigos e leitores estão amando. Eu comecei meu interesse por ler e escrever desde pequeno, graças ao incentivo da minha mãe."

Com certeza os livros me ajudam a sair um pouco das telas."

Guilherme Marques R. Abrantes,
11 anos. Autor independente.



"Achei super legal o evento, tem muitas opções de livros, música boa, cultura... uma oportunidade a mais de lazer para o bairro e um incentivo de leitura para todos nós e principalmente pros mais novos. O ambiente está super acolhedor e receptivo."

Clarice Vidal, 18 anos.



"Tenho 2 livros publicados, o primeiro escrevi aos 7 anos. É sobre uma menina que quer viver num mundo de paz. O segundo escrevi aos 9 anos e tem inspiração em Monteiro Lobato. É uma aventura de uma boneca de pano junto com a Emília. Os meus pais sempre me incentivaram muito a ler e escrever e eu adorava fazer livrinhos desde criança."

Duda Macieira,
autora independente.



"Está sendo maravilhoso participar do evento com tantas diversidades de atrações. Um prazer compartilhar e conhecer outros autores. É a minha primeira vez na FliLa e estou animada para estar presente em novas oportunidades, eu tenho três publicações independentes, duas delas sobre poesias. Sou professora de literatura e costumo dizer que a leitura me abrigou desde a infância, pois eu tive uma saúde delicada e os livros foram um refúgio para me salvar e me permitir chegar até aqui, aos 70 anos."

Selma Maria da Silva,
70 anos, autora.

de debate. Os encontros lotaram o auditório principal da escola, reuniram escritores renomados, como Roger Mello, Ana Kiffer, Fátima Setúbal, além de médicos, pesquisadores, alunos e membros da comunidade.

O tema "Desconectar para conectar" abriu as conversas às 11h15 da manhã e trouxe para o foco da discussão os desafios de moderar e limitar, para crianças e adolescentes, o uso de telas e tecnologias conectadas. Uma questão cada vez mais presente na rotina das famílias e no universo escolar. Estiveram presentes, o médico pediatra Daniel Becker, a pesquisadora Paula Martini, Lia Ludwig, do projeto Desconecta, Nina Quiroga (pesquisadora) e Jéssica Alves (estudante do CSVP).

Em sua fala, o pediatra alertou para a perda da capacidade humana de atenção e para os danos comportamentais cada vez mais presentes em crianças e adolescentes ainda em fase de formação cerebral. "Presenciamos o aumento de sintomas como depressão, bullying, vícios em pornografia e jogos... principalmente entre os meninos. É importante alertarmos que o suicídio vem se tornando a segunda causa de morte entre adolescentes no país. Daí a importância da proibição e dos celulares nos ambientes escolares e do acompanhamento deles no ambiente doméstico", ressaltou Daniel Becker.

Para a pesquisadora Paula Martini, o papel dos pais e educadores atualmente é o de atuar ativamente pelo futuro que desejamos para as crianças e não deixar essa missão sob conduta dos algoritmos. "Controle parental é fundamental, num momento em que estamos todos nós

sem saber para onde ir. Não podemos nem devemos esperar isso das plataformas”.

Lia Ludwig, do movimento Desconecta, presente em mais de 600 escolas de 25 estados do Brasil, trouxe uma visão de alternativas e possibilidades de solução. Aliada a ela, a estudante do terceiro do ano do Colégio São Vicente de Paulo, Jéssica Alves, trouxe o ponto dos jovens para o debate e confessou que a proibição dos celulares na escola foi difícil no começo, mas já reflete uma diferença comportamental notável principalmente na socialização dos mais jovens.

“Acredito que o caminho não seja vilanizar a tecnologia, o caminho é o limite e a educação. Sou a favor do diálogo para transformarmos as ferramentas e tê-las ao nosso favor, e não como uma ameaça à nossa capacidade de pensamento e raciocínio crítico”, concluiu Jéssica, de apenas 17 anos.

A tarde foi recheada ainda com a conversa “Ainda estamos aqui”, uma abordagem ligada a temas relacionados à memória e à resistência. Encerrando os debates, às 17 horas, foi a vez da mesa “Literatura para todos”, que trouxe educadores que atuam com foco em acessibilidade e inclusão. Os destaques foram as participações de Andrea del Fuego, Daniel Munduruku e do ativista e morador da comunidade Cerro Corá, Jeferson Dias – que é um dos criadores de um cursinho pré-vestibular popular e uma biblioteca comunitária.





NÃO É SÓ SOBRE LETRAMENTO DIGITAL

O Movimento Desconecta e a chance de construirmos uma atuação coletiva frente à hiperconectividade

POR NINA QUIROGA

Possivelmente, a maior parte da comunidade escolar já tenha percebido o investimento sistemático da direção do colégio e da Associação de Pais e Mestres (APM), há pelo menos dois anos, em iniciativas que promovem reflexão sobre nossa relação com as telas e os meios digitais. É neste contexto de criar oportunidades de formação, letramento digital, mas também de regulação do uso inadequado das telas que o CSVP foi procurado pelo Movimento Desconecta para propor sua implementação no colégio. Na comunidade, há os que já assimilaram a ideia de um pacto para adiar a entrada das crianças na vida digital dos smartphones, há os que já se mostram interessados e dispostos a trabalhar juntos, outros observam a movimentação.

Alguns fatos recentes intensificaram a preocupação de nossa comunidade em se apropriar do debate sobre a hiperconectividade da sociedade e incidir sobre a problemática com ainda mais afinco. É o caso da denúncia de pedofilia em larga escala na internet, catapultada pela divulgação de um vídeo de quase 50 minutos do influenciador Felca, em 06 de agosto no Youtube.

O influenciador apresenta o resultado de uma investigação pessoal que não só aponta nomes de criminosos contumazes, mas expõe os mecanismos combinados entre os algoritmos das redes que aproximam e formam comunidades de pedófilos e a cultura de adultização da infância, envolvendo famílias que exploram suas crianças como objetos para monetização nas redes. Uma espantosa viralização, que atingiu mais de 50 milhões de visualizações no primeiro

A PRESSÃO SOCIAL NOS EMPURRA PARA UM DILEMA: EXPOR NOSSOS FILHOS A RISCOS OU VÊ-LOS SOCIALMENTE EXCLUÍDOS.

mês de sua publicação, fez do vídeo um forte dinamizador político. Ainda na semana seguinte à sua publicação, mais de 30 projetos de lei foram apresentados no congresso nacional pautando a temática.

Entre eles, o projeto de lei 2628/2022, conhecido como Eca Digital, ganhou força e, no último 17 de setembro, tornou-se a lei 15.211/2025, sancionada para dispor sobre a proteção de crianças e adolescentes em ambientes digitais. Esta incomum agilidade política em sua aprovação pode ter sido alavancada pelo holofote que o vídeo de Felca ofereceu ao tema, mas já refletia a mobilização de diferentes setores, organizações e partidos diversos que, diante da ameaça da proteção da infância, encontraram consenso em torno desta pauta urgente. Entre tais movimentos, está situado o trabalho do Movimento Desconecta.

Como explica o próprio movimento em seu site institucional, a iniciativa teve origem em São Paulo em 2024, por parte de algumas famílias preocupadas com o uso precoce de smartphones e redes sociais: “Cada vez mais cedo, crianças estão ganhando smartphones. A pressão social nos empurra para um dilema: expor nossos filhos a riscos ou vê-los



EFEITO “ADOLESCÊNCIA”

MAR / 2023

O CSVP já vinha indicando a necessidade de refletir sobre o tema, com a divulgação pelo ClassApp do artigo “Escola é lugar de celular?”, do pediatra Daniel Becker, no qual o médico adverte que a presença do celular no recreio e na sala de aula perturba tanto a aquisição de habilidades sociais quanto o aprendizado das matérias formais.

SET E OUT / 2023

O CSVP promoveu rodas de conversa com especialistas, o pediatra Ricardo Chaves e os psiquiatras Juliana Pimenta, Paulo Edmundo e Paula Fabrício, além do neurocientista Sidarta Ribeiro, todos também responsáveis por alunos do CSVP, para discutir o impacto das telas na saúde mental de crianças e adolescentes.

DEZ / 2023

A direção comunicou por carta sua decisão de proibir a “utilização de celulares e de outros dispositivos tecnológicos, como smartwatches e tablets, pelos estudantes, nas dependências do colégio, durante o período de ocorrência das atividades escolares ordinárias, incluindo o horário de intervalo entre aulas, como recreios”.



socialmente excluídos”. Tal dilema, exposto em diferentes materiais de divulgação do Movimento, resume a angústia de inúmeras famílias pressionadas a liberar o uso de celulares aos seus filhos antes do momento que consideraria ideal, do ponto de vista da segurança e da saúde psíquica de toda a família. Por isso, propõem um acordo coletivo de adiamento de uso de celulares, para a idade de 14 anos e de entrada em redes sociais para os 16 anos.

Com esta missão, o Movimento Desconecta, que se estende pelo Brasil, como rede promotora de materiais, ações e capacitação para o tema, chega ao Rio de Janeiro, e especificamente ao CSVP, em um contexto de tantas iniciativas institucionais que já vinham sendo realizadas pelo colégio, desde 2023, para pautar e debater internamente estratégias de qualidade para usos saudáveis dos meios digitais, dentro e fora da escola.

Se você tem mais tempo, leia o box para entender o histórico de iniciativas e debates promovidos pelo colégio, com mobilização da APM, para pautar este tema. Se não tem, simplesmente siga o texto daqui em diante.

Como quem tem filhos já notou, este não é um assunto simples e dispensa posições carregadas de preconceitos e julgamentos rápidos. O debate é cheio de implicações transversais em campos variados, como a geopolítica internacional e a saúde mental da população, em todas as sociedades. Afeta direitos individuais e coletivos. Alimenta nossas expectativas quanto às instituições reguladoras, como o governo e as escolas, e expõe nossa íntima responsabilidade parental no trato da questão. E, ainda mais complexo:

Responsáveis são chamados a assumir (ou reassumir) o controle parental do uso das tecnologias por seus filhos

MAIO / 2024

A APM convidou responsáveis e educadores para mais uma série de palestras, desta vez com a pesquisadora e educadora midiática Paula Martini, especialista em tecnologia e educação para o uso responsável das mídias. Ela fundamentou, em suas 5 palestras, a importância de um “uso crítico, seguro e ético das tecnologias digitais” como ferramental para as famílias.

FEV / 2025

O colégio, que já vinha sustentando a restrição ao uso dos celulares havia um ano, obteve eco em sua decisão com o sancionamento da Lei federal 15.100/2025, que restringiu o uso dos aparelhos tanto em escolas privadas, como nas escolas públicas, todos respaldados em documentos como o Relatório Global da Unesco.

ABR / 2025

A direção convidou a comunidade escolar para uma palestra da juíza titular da Vara da infância e juventude do Rio de Janeiro, Dra. Vanessa Cavalieri, para tratar de segurança digital, supervisão parental, bullying e cyberbullying. A palestra é parte de seu projeto de divulgação do projeto “Protocolo Eu te vejo”, de prevenção de violência nas escolas.

a hiperconectividade também nos exige soluções imediatas frente a uma cultura emergente, mas que veio para ficar.

A resignação em “ceder” à pressão social, antecipando o uso de tecnologias digitais, constrange pelo paradoxo que impõe ao *modus operandi* dos núcleos familiares. Por um lado, pais acreditam que devem tomar suas decisões livremente baseados em valores e prioridades cunhados em seus próprios âmbitos privados, sempre com a boa intenção de beneficiar suas crias. Por outro, se sentem “coagidos” ao ter de ceder à pressão coletiva apelativa das crias: “todo mundo faz assim, menos eu?”. Cedemos supostamente para não prejudicar nossos filhos (ao excluí-lo do senso de pertencimento de toda uma geração), mas sofremos diante da intuição (ou evidências!) de que, em médio prazo, ceder à liberação não planejada do uso de celulares e redes acabará prejudicando justamente quem mais queremos proteger.

Tais conflitos e paradoxos naturalmente não se dão somente diante do tema da exposição às mídias digitais, mas fazem parte da dinâmica de negociação constante entre direitos e necessidades individuais e coletivas. Se, por um lado, nos vemos tantas vezes desafiados a evitar convicções pessoais que acreditamos serem positivas para nossas crianças pelo temor de “ficarmos de fora”, em um contexto social que parece querer excluir processos que demandam mais parcimônia ou mesmo lentidão para a construção das melhores decisões, quando o assunto é a hiperconectividade crescente atingida pela sociedade, com seus efeitos dramáticos sobre a saúde mental e impactos sociais diversos, a sensação é a de que estamos sendo arrastados por uma grande e violenta onda que não nos autoriza sequer a pensar antes de ceder ao “fluxo”

dos comportamentos massivos: parece não haver mais tempo para isso.

Como tantas vezes especialistas convidados e a própria direção do CSVP se preocuparam em afirmar, não é possível nem desejável ser contra o uso de tecnologias, inclusive já tão familiares às novas gerações, mas tomar posições para regular e educar é o que permite tomar tempo para construir, com nossas consciências e também com nossos pares em coletividade, as reflexões necessárias que caracterizam o uso crítico e criativo destas mídias.

Diante de um cenário atual e futuro de desafios para a produção e o consumo de informação de qualidade, a promoção de espaços de conversa e reflexão pelo colégio com iniciativas diretas da APM, recebendo também os sinais do pedagógico, vem sendo uma oportunidade para apoiar as famílias, inclusive em aspectos mais sensíveis, como o uso potencialmente criminoso das tecnologias, em que crianças e adolescentes são vítimas, mas também alvos de penalidades, como apontou a juíza Vanessa Cavalieri em suas palestras no colégio.

O que a aproximação do Movimento Desconecta aponta agora é justamente o esforço de viabilizar este modo coletivo e solidário de enfrentar os desafios da construção de uma nova cultura de letramento digital e segurança nas redes, além de um melhor aproveitamento do potencial educativo de conteúdos e técnica envolvidos no uso das redes digitais por crianças e adolescentes. Pode ainda ir além e se valer da vocação vicentina em propor usos dos meios para a transformação da realidade social.

Em tempos de ode às ações e conquistas privadas e dos desafios das famílias, pressionadas pela velocidade dos acontecimentos da cultura e da tecnologia e pelos acelerados ritmos de produtividade, tantas vezes tomamos sozinhos decisões rápidas para mitigar nossa cotidiana angústia parental, afinal, não queremos negligenciar a ânsia de nossos filhos em suas “urgentes” vivências geracionais. Mas a pressa é inimiga da capacidade crítica.

Trabalhar juntos dá trabalho, mas pode, provavelmente, nos tornar mais capazes de cuidar de um fenômeno que, como vimos, não delimita muito bem suas bordas de “dentro” (atinge a intimidade e a vida privada) e de “fora” (constrói cultura e afeta a sociedade), como é o caso hiperconectividade nossa de cada dia. É por isso que um movimento que, mais do que “desconectar” (uma força de expressão), busque soluções coletivas que considerem nossas consciências singulares diante de dilemas comuns merece tanto da nossa (capacidade de prestar) atenção. Um artigo raro, diga-se de passagem. Mas isso é assunto para mais outra(s) conversa(s).





MISSÃO NO AMAZONAS

Ex-aluna fala de sua experiência como médica voluntária no barco-hospital Papa Francisco

POR ALICE ALHEIRA

Meu nome é Alice Alheira, sou mulher e tenho 35 anos. Sou médica anestesista, apaixonada pela profissão, feminista, formada no CSVP há 18 anos, filha de uma família de 7 mulheres e, agora, mãe.

Eu procuro trabalhos voluntários desde a pandemia, porém, pelo fato de minha especialidade requerer muitos materiais e insumos, dentro de um centro cirúrgico, não são todos os projetos que conseguem oferecer ambiente em que procedimentos cirúrgicos possam ser feitos. Fiquei sabendo do projeto do hospital-barco através de amigos que fizeram e me inscrevi logo, aguardei alguns meses na lista de espera, porque a procura é grande, e fui chamada agora em junho para uma missão no Amazonas.

O barco oferece atendimento médico, cirúrgico e odontológico, com um *staff* de médicos e dentistas totalmente voluntário. O restante, que inclui enfermeiros, técnicos de enfermagem, laboratório, cozinheiros, marinheiros e limpeza são todos contratados. Antes de o barco chegar à comunidade ribeirinha, a Secretaria de Saúde, em parceria com o posto de saúde, seleciona uma lista de pacientes





para serem operados no primeiro dia. O restante dos dias, ambulatório ou centro cirúrgico, funcionam mediante procura, em ordem de chegada.

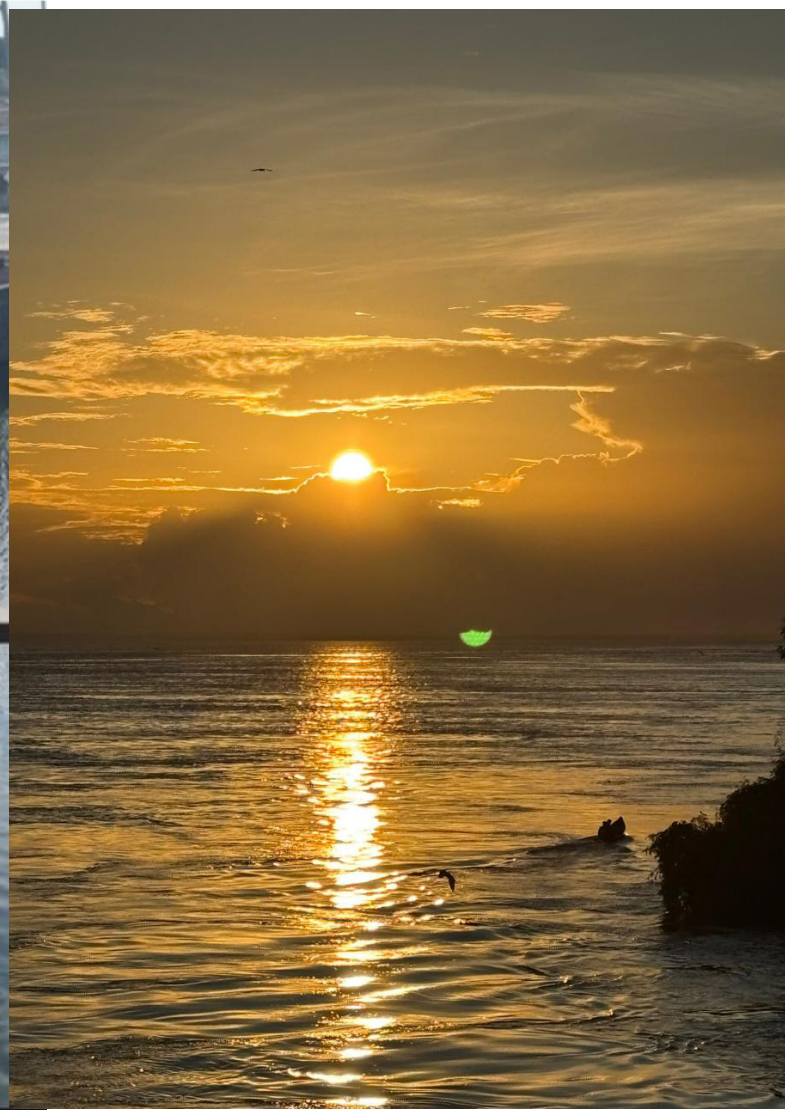
A clínica médica sempre bate recorde de atendimentos, por ter uma abordagem mais ampla, mas as missões em que vão ginecologistas, psiquiatras, otorrinolaringologistas acabam tendo muito trabalho também. O barco seleciona pacientes elegíveis para cirurgias de pequeno e médio porte e funciona com internação diária. Caso haja alguma complicação, o paciente é transferido para um hospital próximo, na maioria das vezes de “ambulância”.

A ESTRUTURA É EXCELENTE, COM MATERIAIS DE QUALIDADE PARA REALIZAÇÃO DAS CIRURGIAS A QUE O BARCO SE PROPÕE.

A estrutura é excelente, com materiais de qualidade para realização das cirurgias a que o barco se propõe. A limpeza, o suporte e as refeições são impecáveis. A população depende desse atendimento. Por mais que haja postos de saúde ou clínicas da família, eles não dão vazão à demanda por atendimento, medicamentos e até refeições, que o barco, por meio de doações, oferece.

Há fila de espera, sem dúvidas, e a maioria dos pacientes que chegou para fazer cirurgia de vesícula estava aguardando em média há 3 ou 4 anos.





Os atendimentos ambulatoriais são feitos por ordem de chegada e há distribuição de senhas. Quem não conseguir senha no dia, tem que voltar no dia seguinte. E como os recursos do barco são limitados, ao final da missão, uma ou outra cirurgia pode acabar sendo suspensa por falta de material, o que tende a ser bastante raro dada a criatividade da equipe.

Acho que a palavra que de fato vem à tona é “criatividade”. É se despir das armas e dos recursos do cotidiano de cidade grande e se descobrir artista no artifício de uma ciência. O CSVP sem dúvida expõe essa realidade de desigualdade social e pobreza aos seus alunos e se coloca como protagonista de qualquer ação social, ensinando os alunos a serem bons e felizes. Como qualquer ensinamento cristão, o caminho para a felicidade passa pela ajuda ao próximo.

A experiência superou minhas expectativas, pois, além da realização pessoal e da sensação gratificante de ajudar, pude conhecer pessoas incríveis com histórias pessoais incríveis, e isso foi enriquecedor.

Quero ir pelo menos uma vez por ano (hahaha). Recomendo pra todo mundo que precisa revisitar seus valores e princípios, facilmente esquecidos na correria do dia a dia. Às vezes, a gente se deixa levar no automático, e a vida corre demais. Às vezes, é preciso um baque qualquer ou uma pe-

QUERO IR PELO MENOS UMA VEZ POR ANO (HAHAHA). RECOMENDO PRA TODO MUNDO QUE PRECISA REVISITAR SEUS VALORES E PRINCÍPIOS, FACILMENTE ESQUECIDOS NA CORRERIA DO DIA A DIA.

dra no caminho que nos obrigue a parar e recalculer a rota. Experiências que nos tiram completamente da zona de conforto nos devolvem a sensibilidade que a correria da rotina tirou. É como se de repente acordássemos de uma anestesia profunda e voltássemos a sentir. É ter a oportunidade de olhar o mundo sob uma nova perspectiva e ajustar nossa realidade, sempre que possível.

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E QUESTÕES DE GÊNERO

Desafios e possibilidades para a equidade

POR DIEGO BULHÕES

A Educação Física escolar no Ensino Médio ocupa um lugar estratégico e importante no desenvolvimento integral dos estudantes, promovendo não apenas a saúde física, mas também a construção de valores, como respeito, empatia e cooperação, além da experimentação e vivência de jogos, danças e outras manifestações que envolvem a cultura corporal do movimento. No entanto, as evidências analisadas em pesquisas brasileiras recentes indicam que esse potencial é frequentemente limitado por barreiras relacionadas às questões de gênero. Essas barreiras, de caráter histórico, sociocultural e pedagógico, resultam em exclusão, desmotivação e desigualdade de participação, especialmente entre alunas e estudantes pertencentes a grupos historicamente marginalizados.

O estudo que fundamenta este artigo partiu de uma revisão sistemática de dissertações e teses brasileiras publicadas na última década, focadas nas intersecções entre gênero e participação nas aulas de Educação Física no Ensino Médio. A análise revelou que, apesar de avanços nas discussões acadêmicas e nas políticas educacionais voltadas à diversidade, ainda predominam práticas pedagógicas enraizadas em uma lógica patriarcal e binária, que privilegia aspectos biológicos e padrões normativos de desempenho físico.

Entre os principais achados, destaca-se a disparidade na participação entre meninos e meninas. Enquanto o grupo masculino costuma ter maior presença e protagonismo nas atividades, as alunas relatam sentir-se desmotivadas diante de conteúdos pouco conectados às suas vivências e interesses, além de enfrentarem práticas e interações que reforçam estereótipos de gênero. Essa desigualdade também se manifesta no espaço físico e simbólico das aulas, com a apropriação de quadras e equipamentos por grupos masculinos, bem como a naturalização de comentários e atitudes discriminatórias.

A situação se agrava para estudantes LGBTQIAP+, que frequentemente enfrentam violências simbólicas, preconceito e falta de acolhimento no ambiente escolar. Para esses grupos, a Educação Física pode se tornar um espaço de tensão e exclusão, em vez de um local de expressão corporal e socialização positiva.

Outro ponto central é a formação docente. Muitos professores, mesmo reconhecendo a importância da equidade de gênero, não receberam preparo específico para lidar criticamente com o tema. Embora haja experiências positivas de formação continuada com foco na inclusão, os estudos apontam que essas iniciativas ainda são pontuais e pouco disseminadas. A ausência de uma abordagem consistente na formação inicial e continuada reforça a reprodução de práticas tradicionais que, em vez de reduzir desigualdades, tendem a perpetuá-las.

Além disso, a produção científica sobre o tema, embora crescente, ainda é concentrada em determinadas regiões do país e, muitas vezes, associa gênero exclusivamente à sexualidade, limitando a compreensão mais ampla e interseccional do fenômeno. Isso aponta para a necessidade de ampliar o alcance geográfico e temático das pesquisas, valorizando diferentes contextos socioculturais e educacionais.

Nesse contexto sociocultural que o trabalho aponta, posso trazer algumas reflexões sobre como as questões de gênero se manifestam no ambiente da Educação Física escolar no Colégio São Vicente de Paulo, localizado no bairro Cosme Velho, Rio de Janeiro. Numa sociedade estruturalmente marcada pelas disputas e disparidades entre os





gêneros, é comum que alguns comportamentos estruturais e enraizados apareçam reproduzidos no ambiente escolar. Pude perceber, em minha experiência particular na docência em Educação Física no colégio São Vicente, que tais questões ainda se mostram presentes no cotidiano, mesmo em um colégio referência na cidade do Rio de Janeiro e conhecido por uma visão de mundo crítica e progressista. Alguns eventos podem destacar bem essas questões, por exemplo, quando, logo no início do ano, nos foi trazido por um grupo de meninas do Ensino Médio a reivindicação dos espaços de quadra para a realização de jogos de futsal feminino, uma vez que tais espaços eram antes dominados pelo grupo masculino, não possibilitando a participação e experimentação da modalidade pelo grupo feminino. Tal requisição foi acatada pela equipe de educação física, que reorganizou os espaços e horários para possibilitar a prática a todas e todos.

Outro exemplo que pode endossar a busca por equidade por parte das meninas do colégio São Vicente foi a busca das estudantes do Ensino Médio pela criação da equipe representativa do colégio na modalidade futsal feminino, um movimento que também foi acatado e culminou no surgimento da equipe que agora faz treinos semanais e começa a disputar partidas intercolégiais representando nossa instituição.



É POSSÍVEL PROJETAR AÇÕES CONCRETAS NO COTIDIANO ESCOLAR QUE NÃO APENAS AUMENTEM A PARTICIPAÇÃO E O ENGAJAMENTO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, MAS TAMBÉM CONTRIBUAM PARA A CONSTRUÇÃO DE UM AMBIENTE MAIS DEMOCRÁTICO, RESPEITOSO E PLURAL.

Outro exemplo que pode endossar a busca por equidade por parte das meninas do colégio São Vicente foi a busca das estudantes do Ensino Médio pela criação da equipe representativa do colégio na modalidade futsal feminino, um movimento que também foi acatado e culminou no surgimento da equipe que agora faz treinos semanais e começa a disputar partidas intercolégiais representando nossa instituição.

Frente a esse cenário, torna-se imprescindível repensar a Educação Física escolar como espaço de promoção da equidade, adotando práticas pedagógicas que valorizem a diversidade de corpos, identidades e expressões. Isso inclui a revisão dos conteúdos e metodologias, a ampliação das oportunidades de participação para todos os estudantes e o fortalecimento da formação docente voltada à inclusão e ao combate aos estereótipos.

A partir dessa base de evidências, é possível projetar ações concretas no cotidiano escolar que não apenas aumentem a participação e o engajamento nas aulas de Educação Física, mas também contribuam para a construção de um ambiente mais democrático, respeitoso e plural.

MENINAS NO FUTEBOL

Envolvimento, superações e estreitamento de laços se sobrepõem às disputas de gênero

POR MARINA GALETTI

Nos últimos anos, o futebol feminino tem conquistado cada vez mais espaço e reconhecimento, ao redor do mundo. Esse crescimento não se restringe somente ao cenário esportivo mundial, sendo também uma realidade presente no ambiente escolar, aqui no Colégio São Vicente de Paulo. Desde o ano passado, a prática do esporte feminino, sobretudo do futebol, vem crescendo muito dentro da escola. Pela primeira vez na história do colégio, tivemos a criação de um time de futebol feminino representando a escola intercolegialmente, algo que era exclusivo somente aos meninos, até então.

Tivemos também a realização do Campeonato do Recreio de Futebol Feminino, organizado pelas próprias alunas, que reúne meninas de todo o Ensino Médio para jogar durante o intervalo entre as aulas. Já é um evento clássico da escola, que ocorre há alguns anos e permanece sendo muito aguardado pelos estudantes. O “camp”, como chamamos, é um dos primeiros contatos que muitas garotas têm com o futebol, atuando como um espaço não só esportivo mas também de integração entre as meninas do colégio, em que temos a oportunidade de conhecer melhor umas às outras, criando laços e fortalecendo relações.

Diferentemente dos meninos, a maioria das meninas que joga futebol na escola atualmente nunca fez uma aula na vida! A maior parte começou a jogar e a se interessar pelo esporte somente no Ensino Médio, tendo a oportunidade de entrar em contato com o esporte por meio das aulas de educação física. Nesse sentido, a escola funciona como um dos únicos ambientes em que as meninas se encontram para jogar juntas, promovendo a estrutura necessária para a realização da prática esportiva.

Mesmo com o avanço do futebol feminino no ambiente escolar, muitas situações que ocorreram ao decorrer do ano nos mostram a disparidade de gênero que ainda persiste no esporte. Enquanto o time masculino de futsal chegou a disputar as finais de uma Liga Intercolegial do Rio de Janeiro, o time feminino não conseguiu sequer competir, devido à ausência de quórum nas equipes adversárias para a realização do campeonato.

A luta pelo espaço esportivo e o direito de jogar bola também estiveram presentes em outra questão na escola, neste ano. Com a reforma da quadra, os espaços disponíveis para a realização das práticas esportivas em horário de aula foram diminuídos, desencadeando uma disputa pela utilização dos ambientes entre as meninas e os meninos. Esse conflito evidenciou a desigualdade de gênero que ainda permanece no cenário atual, levando à articulação de um movimento feminino pelo desejo de praticar o esporte e pela ocupação do espaço de forma igualitária.

Mesmo que a questão de gênero ainda seja uma pauta importante no cenário esportivo da escola, é inegável o aumento da movimentação por parte das meninas pela vontade de jogar bola. As meninas do primeiro ano são ainda mais engajadas esportivamente do que nós, do terceiro, jogando várias outras modalidades além do futebol. É muito gratificante ver o engajamento delas com o esporte, porque nos passa a confiança e a certeza de que a participação feminina só vai permanecer crescendo daqui para frente na escola.



GRÊMIO ESTUDANTIL

O QUE É, PARA QUE EXISTE E A QUEM SERVE?

POR EDUARDA BASTOS



Luísa Mathias, Guilherme Vieira, Carolina Siqueira, Helena Maravilhas, Beatriz Nunes, Helena, Cardoso, Eva Kogut, Eduarda Bastos, Miguel Junqueira, João Nunes, Manuela Lapa, Julia Rato, Isadora Martins na posse do Grêmio Estudantil, no auditório do CSVP.

O grêmio estudantil é uma entidade autônoma formada por alunos para representar seus interesses dentro de uma escola, promovendo um diálogo entre estudantes, professores, diretores, coordenadores e quaisquer funcionários de uma instituição de ensino. Ele funciona a partir de um modelo democrático, quando chapas se candidatam, apresentam suas propostas e concorrem a uma eleição com o modelo muito semelhante às eleições presidenciais, por exemplo, o que constrói desde sempre um senso político tanto em quem participa das chapas, quanto em quem vota.

No colégio São Vicente de Paulo, um dos grandes objetivos sempre foi formar agentes de transformação social, por isso os grêmios sempre tiveram muita voz e participação, desde o minigrêmio até o GREM. Há muitos anos os alunos do São Vicente são engajados politicamente, na política externa e nas questões internas da escola, e os seus grêmios não ficam por fora disso. Um caso emblemático foi uma vigília feita por estudantes nos anos 1980, que acam-

param dentro do colégio em resposta a uma demissão em massa de professores. Nessa mesma época, circulava um jornal organizado pelos próprios alunos, lembrado ainda com carinho por alguns. Isso demonstra a relevância que uma entidade como essa tem em uma escola como o São Vicente.

O Grêmio do Ensino Médio vinha passando por algumas complicações, como a falta e engajamento no geral, porém, na sua atual gestão, o B.E.N. (sigla para bom e novo) tem tentado reforçar a sua importância dentro da instituição e está fazendo tudo que está ao alcance para manter a tradição viva. Desde organizar os eventos, como a famosa Festa Junina (sim, quem cuida dela é o grêmio!), ou a semana da criança, participar do Conselho Pedagógico no qual formalmente leva seus interesses, pautas e reivindicações e, principalmente, mostrar ativamente para todo o Ensino Médio que é uma organização importante que precisa ser passada adiante e ter o apoio de todos os alunos para que continue funcionando de forma democrática e justa.



PARA MELHORAR AS CONDIÇÕES DE VIDA

Alunos do Ensino Médio se voluntariam a arrecadar recursos e ajudar na construção de casas mais dignas em Duque de Caxias

POR SACHA LEITE





O auditório do São Vicente estava repleto de estudantes e suas famílias, interessados em atuar em um projeto social e suas famílias, no dia 3 de junho de 2025. Renata, da coordenação comunitária, explicou com seria feita a seleção de alunos e alunas que desejavam se voluntariar, pois havia apenas 9 vagas para tal trabalho. Em seguida, Beatriz Fraga, gestora de operação da Teto Brasil, arquiteta e urbanista, formada pela UFF, contou um pouco sobre sua trajetória e explicou o propósito da ação. Disse que a Teto, ONG na qual começou como voluntária, existe porque há uma diferença entre favela e favela hipervulnerável. E mesmo com acesso a dados que expõem a insegurança nesses lugares, 45% dos moradores desejam permanecer em suas comunidades: “entendemos que essas comunidades têm potências, e a Teto funciona apenas como um catalisador para o fortalecimento comunitário, a formação cidadã e de multiplicadores voluntários”.

Beatriz mencionou ainda que os projetos são desenvolvidos conjuntamente com os moradores e que Teto tem parceria com outras escolas e empresas além do CSVP. A meta atual da ONG está em construir 10 mil casas até 2030. Eles já construíram casas emergenciais em São Gonçalo, Mangatariba, Mesquita, Complexo da Penha, Quilombo da Gamboa e outros lugares. Ela esclareceu que a construção construa ser um evento massivo, envolvendo cerca de 150 voluntários.

A respeito do critério de seleção dos moradores dessas regiões em que a Teto tem atuação no Rio de Janeiro, Beatriz explicou que eles localizam os moradores com piores condições de moradia, dentre os que desejam participar. Portanto, a lógica é que os mais necessitados serão os primeiros a receber ajuda.



Os estudantes interessados foram selecionados por meio de um processo que envolveu a coordenação comunitária, a diretoria do Ensino Médio, o serviço de orientação educacional e a associação de pais e mestres. Houve uma dinâmica de grupo lúdica e uma entrevista. Os jovens escolhidos passaram dois dias construindo uma casa “do zero”, desde a fundação, em Duque de Caxias, e retornaram no fim de semana seguinte, para ajustar o banheiro e pintar a residência.



COMO CADA VOLUNTÁRIO FICOU, APÓS A EXPERIÊNCIA?

“A primeira coisa que chamou muito a minha atenção foram os afetos. Chegamos tendo que organizar o ajuste do banheiro e ficamos trabalhando por muito tempo nesse sentido. Depois nos subdividimos e fomos realizar a pintura. Sou geógrafo, e essa comunidade me chamou especial atenção pela pobreza extrema. Fico feliz pelo trabalho da Teto na região, que está dando conta de uma lacuna social muito grande. Outra coisa que me chamou muito a atenção foi que os jovens de segundo e terceiro ano do ensino médio teriam o exame de qualificação da UERJ no dia seguinte. Muitos jovens descansariam ou revisitariam conteúdos. Mas aqueles jovens escolheram estar lá na véspera da prova, para finalizar a obra, proporcionando maior bem-estar para uma família. Finalizar a obra do banheiro foi bem trabalhoso, pintamos a casa e eles ainda fizeram uma vaquinha para comprar um celular para a senhora dona da casa, porque ela não tinha como se comunicar nem procurar emprego. Ela ficou muito emocionada, muito feliz. Então esse é mais um exemplo de como eles deram conta do que foi proposto. E foram além.

Luís Espírito Santo, professor do CSVP.

“Além do fato de estar efetivamente contribuindo para a melhoria na vida de uma família, acho que a experiência com a Teto me ajudou a descobrir e aprender muito. Em dois dias, conseguimos criar conexões que pareciam ter anos e desenvolver habilidades realmente relevantes para o dia a dia. Foi um momento que abriu meus olhos como poucos outros na vida e não posso enfatizar suficientemente o quanto acho essa experiência necessária para todos.”

Rita Aragão, estudante da turma 3B do ensino médio do CSVP.

“Desde que soube que o colégio nos oferecia a oportunidade de participar de um trabalho voluntário, fiquei com muita vontade de viver essa experiência. Sempre ouvia das pessoas que já tinham participado que era algo incrível e que realmente valia a pena. Na primeira oportunidade, entrei no processo seletivo, pois sabia que seria incrível e consegui passar! Antes de viver realmente o trabalho voluntário, achei que seria apenas uma forma de ajudar outras pessoas, mas não imaginava o quanto eu sairia de lá transformada. Descobri que o voluntariado não é só sobre dar, mas também sobre receber. Essa experiência me mostrou que pequenas atitudes podem gerar grandes mudanças, inclusive dentro de nós mesmos. A Teto vai muito além de levantar paredes: é um processo de convivência e transformação. Conhecer de perto a história da Ketheleen e da sua família, poder fazer diferença na vida e compartilhar momentos de esperança me deu uma nova visão de comunidade e mundo.”

Luísa Mathias, estudante do segundo ano do ensino médio do CSVP e presidente do Grêmio estudantil do ensino médio.

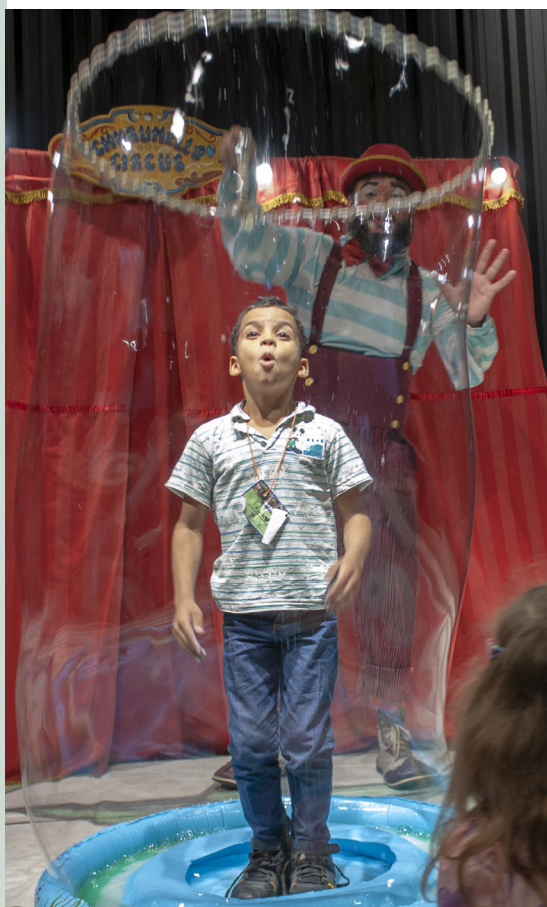
CORRESPONDÊNCIAS

O Cerro vive o São Vicente, e o São Vicente vive o Cerro

POR SACHA LEITE

Marcelus César é professor de geografia do CSVP e coordena as agências junto ao 9º ano desde 2024, quando foi feito um projeto de integração com a biblioteca do Cerro Corá. Por meio da biblioteca, mantida pela associação de moradores, foi realizada uma troca de cartas entre jovens estudantes do CSVP e jovens moradores da comunidade. Ainda dentro do projeto, agentes comunitários do CSVP levaram cotação de histórias, brincadeiras e propostas de atividades para crianças de 7 a 12 anos, na biblioteca do Cerro, e as mesmas atividades foram realizadas com as crianças do extendido, no CSVP. No dia 14 de junho, houve uma culminância para juntar as crianças do Cerro e do CSVP e suas famílias, monitorados pelos alunos do 9º ano.

Sobre o intercâmbio de cartas, em que as crianças foram convidadas a escrever umas para as outras, Marcelus conta que o resultado foi bem interessante: “Alunos do extendido ficaram maravilhados com as cartas e os alunos do





9º ano ficaram felicíssimos: quando a gente vai fazer isso de novo? Foi muito legal!” Ele enfatizou que a ideia com essas investidas nunca foi fazer assistencialismo, mas ajudar a formar multiplicadores, transformar. O professor chamou a atenção para a valorização dos próprios jovens da comunidade: “quando vocês fizeram a contação de histórias, fizeram de um jeito que a gente não sabe fazer”.

A coordenadora do extendido, Letícia Lisboa, conta que cerca de dois anos atrás, no início de 2024, propôs a troca de cartas entre os jovens, para que fosse aberto um canal de comunicação e pudesse haver uma aproximação entre a comunidade vizinha e a escola, quando ficou sabendo das agências. Daí ela, que trabalha há anos em projetos sociais, propôs que fossem envolvidos também estudantes do 1º ao 5º ano: “no primeiro semestre, eu e Elienay Paralelas, professora de projetos, íamos à biblioteca, líamos os livros, escolhíamos três livros e fazíamos uma dinâmica. No primeiro encontro, eles escreveram cartas se apresentando, desenhando o cenário. Em um dos encontros falamos para eles das brincadeiras que aprendemos com as crianças do Cerro Corá”.

Os alunos do 9º ano escolheram o nome “Comunidade e movimento” para o projeto. Eles participaram como dinamizadores: foram ao todo seis oficinas. E as crianças se conheceram aqui no CSVP: “senti que eles gostaram muito de acessar esse outro espaço e não foi para conhecer somente. Eles estavam sendo esperados aqui. Foi uma troca muito genuína entre as crianças”, lembrou Letícia. A professora de artes Camila Barra dinamizou atividades de leitura e contação de histórias e houve apresentação de circo no espaço maker. Participaram aproximadamente 30 crianças do Cerro Corá e 30 estudantes do extendido do CSVP, alunos do 9º ano, famílias e educadores.

Neste segundo semestre de 2025, muitas famílias de estudantes do extendido do CSVP demonstraram interesse em conhecer a comunidade. “Existe um projeto de memória muito bonito em que eles promovem caminhadas e visitaçaõ a um museu itinerante na região, começando na mãe d’água, em Santa Teresa”, conta Letícia. Ela também pontuou sobre o envolvimento dos agentes da biblioteca: “são jovens idealistas que têm vontade de melhorar aquele espaço sobretudo para as crianças”.



ESCORREM AS AREIAS DO TEMPO



Rachaduras percorrem caminhos pelas paredes que um dia rodearam esses cômodos onde habito

O peso da chuva quebra as telhas, racha as janelas e desfaz os azulejos

Os dias correm apressados em meio a tudo que acontece

Rugas aparecem pela pele que fina se torna

O tempo traz suas marcas

Traz consigo a certeza de que um dia

Fomos jovens

Paro aqui e penso sobre tudo o que fiz, mas principalmente sobre o que deixei de fazer

Penso sobre os livros que nunca vou ler

Palavras que jamais atingiram minha mente

Penso nas melodias que ainda desconheço

Nas pessoas que um dia foram tão parte de mim e hoje não são nada

Todos esses fragmentos que fazem de mim, humana

E o tempo parece passar mais rápido a cada passo do caminho

A cada ano

Cada hora

Ele escorre pelos meus dedos e não há nada que eu possa fazer que o impeça

Então não tento

Aceito, me acalento

Observo ele fazer suas marcas, e me levar com ele

Observo-me ser deixada pra trás

E penso que um dia, daqui a nem tanto tempo

Outra pessoa irá olhar para as mesmas paredes, e para as mesmas rachaduras

E eu serei nada além de fractais, além de pó

E que os livros, os filmes, as músicas e as pessoas que eu conheci e deixei de conhecer

Junto comigo também já não serão mais nada

E que tudo, com o tempo, desaparecerá.

Olivia Brasil, 2ª série do EM.

Simpatia - é um momento
Que perece num tormento,
Bem direto, no coração;
Foram dois olhares lesos
Jaziam juntos, unidos, presos
Numa fática maldição.

Simpatia – são dois galhos
Repletos de acúleos
Nas roseiras do jardim;
De longe às vezes belos,
Mas quando se mostram acerados
Aí se revelam por fim.

São duas almas bem ingênuas
Que riram com mesmo riso,
Que hoje imploram por mais;
Foram vontades inconstantes,
Quiseram piras semelhantes,
Ou ao menos finais iguais.

Simpatia – foi como o Dolo,
Foi como o encanto do boto,
Foi a doce encarnação da dor;
Nuvens pareidólias tornam o céu formoso,
É o que me relembra do seu rosto...
– Simpatia – sempre é dor!

MONTANHA RUSSA AMOROSA

Amemos! Mas quem quer dor?
Viver na pura solidão!
Assim como antes vivera Adão
Saber como amar essa dor
Pois desmaio de desilusão!
Na sua alma, seus enganos
Na sua turbidez
Com seus ardentes planos
Sonhei não apenas uma vez!

Quero os lábios seus tecer
Quero seu amor como réu!
Quero ver seu seio sofrer
Como o desleixo do cabelo seu!
Quis viver de esperança!
Quis colher e sentir!
Sua habilidosa trama
Quero esquecer e dormir!

Vá Hera,
leve minha sequela,
Minha alma, meu perdão...
Que noite! que noite bela!
Como foi doce a viração!
Mas traga de volta,
Sem aflição,
A inquietude
em meu coração
E entre os suspiros do vento,
Da noite ao mole frescor,
Quero viver mais um momento,
Morrer contigo de amor!

João Pedro Reis Caputo, 2ª série do EM – o autor produziu paráfrases de poemas românticos do século XIX.



Árvore, Árvore
Você me viu crescer
Eu brincava em seus pés
Você viu a chuva e o sol
Você viu meu coração
Árvore, Árvore
Me abraça de novo
Que eu não sei mais quem sou
Já sorri, já brinquei
Hoje tenho metade de sua altura
O azul da paz reinou minha infância
O tempo te amargura
O vento te entristece
Olhos arregalados, choro forte
Folhas amarelas, folhas vermelhas
Não vejo mais as verdes
Árvore, árvore
Me abraça de novo
Nossos olhos arregalaram
Nossos corações explodimos
Sobrevivemos juntos, sozinho
Agora você inala minha fumaça
Árvore, Árvore
Continha acompanhado minha jornada
Minha vida sempre foi sua
Vamos continuar juntos
A explosão acabou de acontecer.

Eu quero lutar

Mas não com essa farda
Já pensei em fugir
Não posso mais sofrer
Querem que eu queime livros
Querem que eu faça elas chorarem
Vejo bebês gritando, casas agonizando
A tentativa de ordem gera desordem
A morte não é bem recebida
Quando o povo não sabia estava tudo bem
Mas nunca esteve bem, só está pior agora
Agora o fogo reina com o barulho
E gordos riem no céu
Para crianças chorarem no chão
Eu quero lutar
Mas não com essa farda.



dromedário

Vivo pra ver
O dromedário
Caminhando no sol ardente
guerreiro, seu silêncio mostra sua paciência
A alegria de exalar beleza sem se cansar
Leva beleza pro luar
Na imensidão do deserto
Onde os sonhos estão vazios
Avisto ali,
o dromedário
Vivo pra ver,
O dromedário
Compondo a beleza dos oásis
Onde guerreiro cansados
Podem ir pro céu
Descansam em paz com a beleza
Do dromedário.

Dimitri Pielecki Combat é aluno da 3ª série do ensino médio.

São nove e meia da noite. Saio do consultório, a praia de Botafogo está escura e fria. Ando rápido – tenho medo de que me levem a bolsa com o celular. Sempre o celular...

Se for roubado, vai me causar muito transtorno. Para em frente a uma lanchonete vazia. O atendente parece ser a única pessoa que ainda está trabalhando. Assim como eu. Olho a vitrine: salgados murchos, coxinhas, joelhos e esfirras. Mas, de algum modo, me inspiram beleza. Resgato uma memória lá atrás, finzinho dos anos 1980: eu com amigos ou com a escola num ônibus de rodoviária atravessando o país. Para o sul da Bahia, o Pantanal ou Minas Gerais. É madrugada e, após muita bagunça, estamos todos dormindo em nossas poltronas. O motorista estaciona numa dessas paradas bem típicas de estrada. Está frio, e, sonolentos vamos comprar algum salgado. Não estamos com fome, mas queremos experimentar o estranho e excitante ritual de comer de madrugada. Rimos e temos uns aos outros. Estamos longe de nossos pais e apenas vivendo o momento. Nenhuma mensagem a verificar, nenhuma diversão a nos distrair nas redes sociais. Foi assim também no ônibus. Conversamos muito e, depois, ao escurecer, procuramos luzes, faróis e estrelas pela estrada. Sinto saudade desse tempo em que o mundo era grande por si só e quando uma parada no meio do nada nos devolvia um pouco o sentido de casa.

Volto ao presente, deixo a lanchonete e penso na minha filha, que viajou hoje com a escola para Paraty. Apesar de ter levado o tablet, quase não o acessou. Só escutou música. Conversar com os amigos e a companheira de quarto deve ser mais divertido.

Quando, um ano e meio atrás, entramos no São Vicente, ficamos contentes que, mesmo antes de virar lei no país, o colégio proibiu o uso do celular. Agora, os professores também não devem mais usá-lo nos espaços que compartilham com os alunos. Não sei se gostaram tanto. Entendo – acho que nos sentimos um pouco crianças quando nos tiram o celular. Mas, às vezes, pode ser necessário. Uns três anos atrás, fui ao aniversário de 75 anos de uma pessoa querida. O desejo de aniversário dela: que ficássemos por algumas horas sem telefone. Passou com um cesto de palha grande e recolheu o brinquedinho de todo mundo. De início, ficamos ansiosos. Porém, o mundo não acabou enquanto estávamos sem acesso à internet. Nada de significativo aconteceu, apenas nos divertimos e conversamos.

Enquanto teço esses pensamentos, quase sou atropelada por uma bicicleta que vem voando na contramão. No guidão, um menino olhando o celular...

Lorena Kim Richter, mãe de aluna do sétimo ano.



Aqui em casa, as terças-feiras ganharam outro significado, nas últimas semanas. Virou dia de cinema. É o nosso combinado: uma semana eu escolho o filme, na outra é Diana. Sem disputa, sem pressa – só o prazer de desbravar universos e descobrir o mundo do outro entre uma fatia de pizza e um punhado de pipoca.

Venho há algum tempo pesquisando e trabalhando no que chamo de *alfabetização audiovisual* – uma expressão que inventei para definir o processo de aprender a “ler” imagens, sons, silêncios e atmosferas com o mesmo rigor e encantamento com que se faz com as palavras. Em meio a essas reflexões, nasceu a ideia da nossa “terça com cara de domingo”: um respiro no meio da semana, um tempo lento para ver, sentir, conversar e se deixar atravessar.

Nessa atmosfera, mostrei a ela *De Volta para o Futuro*. Ver uma menina de 11 anos fascinada com o Doc Emmett Brown é uma alegria; ela ria das maluquices dele e quase chorou quando achou que o cientista iria morrer. Um ídolo deliciosamente maluco e altamente atemporal! Fiquei quieto, observando aquele instante em que o cinema faz o impossível – suspende o tempo e ensina a esperar. Percebi ali o quanto essa geração, tão acostumada à velocidade das telas curtas, precisa reaprender a esperar o desfecho de uma cena, a se permitir o avassalador intervalo da emoção.

Nas semanas dela, eu aproveito muito a viagem também! *Enola Holmes* me apresentou uma heroína inteligente e espirituosa, que fala direto com o público – algo que teria deixado o Doc orgulhoso. Depois veio *Coraline*, sombria e poética, um diálogo perfeito com o universo de Tim Burton que decidimos explorar na semana seguinte em *Edward Mãos de Tesoura*. Escutar as cores, cheirar nos-

sos sustos, tatear magia e comer estórias! Um prazer inexprimível!

Forrest Gump nos fez conversar sobre o que é ser diferente, e sobre o tempo – sempre ele – que passa correndo, mas ensina devagar. O poder da pessoa comum, ou complexa, ou famosa, ou onipresente. Não importa. Essas terças são pequenas aulas de sensibilidade. A “alfabetização audiovisual” vive nelas, não como teoria, mas como gesto: olhar, escutar, esperar. E no fim, quando os créditos sobem, percebo que o cinema segue cumprindo sua função mais bonita – ensinar a ver o outro com ternura.

Pedro Nogh, pai de estudante do 5º ano.

ARTIGO



O QUE A ESCOLA TEM A APRENDER COM LÉLIA GONZALEZ?

Lélia convoca a branquitude a abrir mão de sua cegueira conveniente e enfrentar suas repetições

POR CAROL DA MATTA

Neste ano de 2025, a grande filósofa, antropóloga, escritora, professora e ativista Lélia Gonzalez completaria 90 anos se ainda fosse viva. Embora nunca tenha deixado de ser lida e reconhecida no interior dos movimentos negros, o resgate recente das obras da autora se deu, sobretudo, em 2019, quando a ativista e escritora estadunidense Angela Davis esteve no Brasil e declarou que aprendera muito mais com Lélia do que os brasileiros teríamos a aprender com ela. Bem, o recado estava dado, caberia a nós escutarmos ou não.

Do ponto de vista do mercado editorial, houve algum efeito. Em 2020, o livro *Por um feminismo afro-latino-americano* foi lançado por uma grande editora, reunindo artigos, entrevistas e textos publicados no Brasil e no exterior, de 1979 até 1994, ano de sua morte. Essa visibilidade dada por Davis, de alguma forma, trouxe novamente a genialidade de Lélia à tona. Mas, como professora da Educação Básica implicada na promoção de uma educação transformadora, inclusiva, democrática e antirracista, sempre penso que Lélia Gonzalez deveria estar em todas as escolas do país: como referência de intelectual, como tópico nos estudos de Língua Portuguesa, Sociologia e Filosofia, como símbolo de mulher negra, um dos pilares de construção da nossa sociedade.

É interessante perceber que Lélia foi uma intelectual pública, colocando o seu corpo e a sua voz em cena para a divulgação de seu pensamento. Gostava de falar de improviso, para chegar às pessoas e, muitas vezes, escrevia como falava. Em uma entrevista realizada no ano de 1988, ela contou ter estudado no Colégio Pedro II, instituição pública federal muito respeitada no Rio de Janeiro e sinônimo de excelência em muitos aspectos. Mas afirmou, à época, que estar neste espaço educacional a embranquecera, uma vez que fora submetida exclusivamente a conhecimentos eurocêntricos, dos quais ela se distanciou na vida adulta. Gostaria, então, de propor um exercício de criatividade às leitoras e aos leitores: olhar para o legado de Lélia e extrair dele saberes capazes de empretecer um pouco a educação.

MULHERES NEGRAS PRODUZEM CONHECIMENTO EM MOVIMENTO

Lélia Gonzalez teve uma vivência acadêmica sólida, sendo a primeira professora negra da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, onde ministrou um inovador curso sobre cultura popular brasileira. Foi também uma das poucas professoras negras na PUC-Rio, onde deu aulas até o fim da vida. Estudou psicanálise por vários anos e propôs interessantes diálogos com o pensamento de Jacques Lacan. Viajou diversas vezes para o continente africano e para países da América Latina a fim de participar de congressos e palestrar. Muito tempo antes de se falar em interseccionalidade, Lélia estabeleceu uma relação intrínseca entre gênero, raça e classe, e o feminismo brasileiro e latino-americano foi atravessado de maneira indiscutível pela “amefricanidade”.

No ano de 1978, em plena ditadura militar, foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU) e discursou nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo. Participou ativamente de dois partidos políticos – PT e PTD – e chegou a se candidatar pelos dois partidos a cargos parlamentares. Participou ativamente da Assembleia Nacional Constituinte com discursos e defesas de pautas dos movimentos negros e feministas. Lélia não separava sua atuação política e social de sua produção intelectual e pagou um preço alto por isso: enquanto esteve viva, seu pensamento social foi, em muitos espaços, deixado de lado por ser considerado ativista demais. À época, provou que pensamento sem ação não serve às pessoas comprometidas com transformações sociais, e hoje, nós, mulheres negras, honramos o caminho que ela abriu.

**LÉLIA GONZALEZ
DEVERIA ESTAR
EM TODAS AS
ESCOLAS DO PAÍS.**

O RACISMO, NO BRASIL, SE PERPETUA POR DENEGAÇÃO

Atualmente, no Brasil, “educação antirracista” é uma pauta frequente em debates educacionais. Tal popularização se deve à luta histórica dos movimentos negros, que culminou na promulgação das leis 10.369/03 – alterada pela 11.645/08 –, que obriga o ensino de cultura e história africana, afro-brasileira e indígena em todas as instituições de ensino, e 12.711/12, conhecida como lei de cotas, que transformou o perfil racial das universidades públicas brasileiras. Os marcos legais, somados ao crescimento da representatividade em mídias sociais nos últimos anos, trouxeram mais visibilidade para a existência do racismo na sociedade brasileira. Logo, não se trata mais, como denunciava Lélia na década de 1970, de os brasileiros negarem o racismo como sistema que estrutura a sociedade – na época, mesmo nos partidos de esquerda, a desigualdade social era lida como uma questão de classe, não de raça –, mas de negarem que sejam racistas. Em outras palavras: o racista é sempre o outro.

Ao não admitir a existência do racismo e de racistas no interior de seus muros, seja pela ausência de diversidade étnico-racial nos corpos discente e docente, seja pela permanência de um currículo eurocentrado, ou pelo não reconhecimento de situações racistas no cotidiano, as escolas perdem a oportunidade de protagonizar mudanças fundamentais na sociedade. Reconhecer em si o mal abre uma ferida narcísica, porém não é possível conquistar alguma transformação significativa sem a perda de algum narcisismo. Desse modo, ao desenvolver o conceito de racismo por

omissão ou racismo por denegação, Lélia convoca a branquitude a abrir mão de sua cegueira conveniente e enfrentar, corajosamente, suas repetições.

NÃO HÁ JUSTIÇA SOCIAL SEM JUSTIÇA COGNITIVA

A cultura brasileira é devedora das contribuições africanas e indígenas, por ter sido forjada a partir das tradições e reelaborações das festas e dos rituais desses povos, seguidas do apagamento dessas origens. No único livro escrito e publicado em vida unicamente por Lélia, *Festas Populares do Brasil*, a autora faz essa denúncia, ao apresentar ao grande público nossas mais importantes festividades nacionais. A lente pela qual a autora lia e interpretava o Brasil questionava a ideia de que a nação brasileira teve sua formação harmônica a partir dos povos africanos, indígenas e europeus e contestava os pressupostos canônicos do pensamento social brasileiro da época.

Lélia foi uma das primeiras intelectuais a enfrentar o mito da democracia racial e evidenciar as violências pelas quais passaram africanos/as escravizados/as e indígenas nos processos históricos de construção do Brasil. Isso significa dizer que é necessário reconhecer, nomear e valorizar todas as manifestações culturais, sociais e históricas de origem africana, afro-brasileira e indígena, bem como seus agentes. Ou seja: para que um novo imaginário social seja formado e pessoas negras e indígenas ocupem outros lugares na pirâmide social, é necessário que seus saberes, suas tecnologias, suas artes, suas festas, suas histórias e seus sujeitos sejam reconhecidos como constituintes do que é este país.

Para finalizar essa conversa, uma curiosidade: Lélia morou bem perto do Colégio São Vicente de Paulo, no Cosme Velho, na Ladeira dos Guararapes. Sua residência funcionava também como ponto de encontro e acolhimento de militantes do movimento negro. Sua presença, certamente, fez circular pelo bairro pessoas revolucionárias e pensamentos de liberdade e justiça. Como nas culturas africanas fundadoras do Brasil, Bantu e Yorubá, o conceito de ancestralidade afirma que os antepassados continuam vivos enquanto são lembrados e ritualizados. Assim, como estratégia contra o apagamento e o esquecimento, ensinar Lélia Gonzalez nas escolas é um modo de mantê-la viva e de apostar na transformação de que a educação é capaz.



SOBRE BOLSAS E UTOPIAS

POR RODRIGO SOLTO MAIOR



A APM iniciou um esforço para criar novas bolsas de estudo destinadas a crianças das comunidades do entorno do colégio. A ideia é simples e ambiciosa: que famílias do colégio viabilizem, juntas, o caminho do primeiro ao último ano a esses alunos. O plano é cobrir não apenas a mensalidade, mas também despesas importantes como material escolar, passeios e apoio em diferentes áreas. Essas bolsas seriam adicionais às que já são oferecidas pelo São Vicente.

Soube do projeto por ser pai do Miguel e da Letícia e por estar, neste ano, como responsável de referência, ajudando na comunicação entre APM e famílias. Foi nessa condição que ouvi, já na primeira reunião, a Adryana Dantas apresentar a proposta. Rapidamente, outros pais se entusias-

maram. Quando a notícia circulou, mais pessoas se aproximaram. Em poucas semanas, formamos um grupo de trabalho e começamos a movimentar as primeiras engrenagens.

Logo percebemos que não seria um caminho

simples. Questões jurídicas, organização financeira, comunicação, estratégias de manutenção de doadores... Cada tema revelava novas camadas do desafio. Mas, na proporção dos desafios, surgiam pessoas querendo ajudar. E, com elas, a segurança de que estamos no caminho certo.

Neste momento, responsáveis com diferentes talentos têm se voluntariado. A maioria de nós nunca havia trabalhado diretamente em algo assim, mas todos trazem algo — tempo, ideias, criatividade, além da energia e disposição para ajudar e construir juntos. O coração de cada um é sempre maior que o tempo disponível. Por isso, toda ajuda é bem-vinda, independentemente da especialização.

Dizem que o verbo sonhar é mais bonito no plural. Projetos assim vão além de números e planilhas. Eles fortalecem o sonho coletivo de viver uma comunidade de famílias ativa, solidária e conectada com o mundo ao redor. Mais do que garantir oportunidades, oferecem aos nossos filhos o exemplo vivo de que vale a pena se unir e trabalhar por algo maior.

Gostaria de encerrar com um causo contado pelo escritor Eduardo Galeano. Certa vez, ele citou seu amigo e cineasta Fernando Birri para explicar a função das utopias. Para eles, as utopias estão no horizonte e se afastam à medida que nos aproximamos delas. E, justamente, é para isso que servem: para nos fazer andar. O sonho desse projeto também mora no horizonte. E nos faz andar.

Se você quiser participar ou saber mais, procure o responsável de referência da sua turma ou fale diretamente com a APM. Estamos no início, e os primeiros passos podem ser os mais importantes. Por isso mesmo, toda ajuda conta.

PROJETOS ASSIM OFERECEM AOS NOSSOS FILHOS O EXEMPLO VIVO DE QUE VALE A PENA SE UNIR E TRABALHAR POR ALGO MAIOR.

UMA JORNADA COLETIVA

POR MIRIAM YANIKIAN

Meu nome é Miriam. Sou mãe do Gabriel, um menino de 9 anos, simpático, cheio de energia e que tem síndrome de Down.

David (pai do Gabriel) e eu tínhamos em mente que a inclusão de uma criança acontece de forma mais fluida e natural do que a de um adolescente, ainda mais com deficiência. Por isso, Gabriel ingressou no CSVP em 2024, no 1º ano do ensino fundamental, para que ele crescesse com sua nova turma desde o início.

A chegada do Gabriel foi marcada por um longo período de adaptação, mas acompanhada por um acolhimento que confortou nossos corações. Encontramos nas famílias, nos professores e funcionários um interesse genuíno na inclusão do Gabriel. Entretanto, por vezes, notamos um certo receio de lidar com o desconhecido... Entendemos a situação, pois a grande maioria de nós não teve a oportunidade de ter colegas com deficiência na época da escola e não convive com pessoas com deficiência.

Além de mãe do Gabriel, sou advogada dedicada à defesa e promoção dos direitos humanos e participo de ações para promover a inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. Por isso, aceitei com entusiasmo o convite para integrar a APM, onde busco contribuir com a pauta de diversidade e inclusão.

Juntamente com outros responsáveis por alunos neurodivergentes e com deficiência, estamos organizando um

coletivo de famílias, com o objetivo de identificar questões comuns, dialogar com a escola e construir, juntos, um ambiente cada vez mais preparado para todos. Acreditamos que a escola é um reflexo do mundo que queremos criar.

Mas como podemos, no dia a dia, fortalecer esse espírito de comunidade para que todos se sintam parte da nossa escola? A chave é entender que inclusão não é apenas ausência de exclusão. É um ato intencional.

Incentive ativamente a amizade, os convites para brincar e para festas. Crie as oportunidades para que a convivência aconteça. Se tiver qualquer dúvida, pergunte. A curiosidade é a ponte; uma pergunta aberta é sempre um gesto de cuidado e o início de uma grande parceria.

Superar o capacitismo – o preconceito contra pessoas com deficiência – começa em gestos pequenos. Começa ao ensinarmos nossos filhos que as diferenças nos enriquecem e que conviver com a diversidade é o que nos torna pessoas melhores, mais empáticas e preparadas para o futuro.

O nosso objetivo maior como pais está sendo atingido, que é a felicidade do Gabriel. Dificuldades sempre teremos, porém acreditamos na força do coletivo e na parceria com a escola para seguir evoluindo. Cada passo que damos juntos não transforma apenas a vida dos nossos filhos, mas semeia uma sociedade com menos preconceitos e mais espaço para todos.



GIOVANA RAMUNDO, EX-ALUNA DO CSVP, GANHA PRÊMIO LITERÁRIO INTERNACIONAL

A jovem escritora venceu o 2º Prêmio Candango de Literatura, na categoria Melhor Romance

POR SACHA LEITE

A carioca Giovana Ramundo, que concluiu o ensino médio no CSVP há oito anos, acaba de receber o 2º troféu Candango, organizado pelo governo do Distrito Federal, que seleciona obras de autores lusófonos, pelo romance “Sorriso sorvete de cereja” (Cambucá, 2024). A redação da revista *A Chama* conversou com a escritora, que cursa Letras na PUC-Rio. Ela compartilhou conosco algumas referências literárias marcantes, memórias recorrentes da escola, e deu dicas aos jovens que curtem escrever e até cogitam seguir a carreira de escritor, mas têm medo.

1. Sempre viveu no Rio? Morava perto do Cosme Velho?

R: Nasci e cresci no Rio, desde pequena moro em Copacabana. O Cosme Velho não era um bairro que eu frequentava antes de iniciar os estudos no CSVP.

2. Em qual período estudou no São Vicente? Por que você e sua família escolheram o CSVP?

R: Estudei no CSVP entre 2007 e 2017, foram quase onze anos! Na minha primeira infância, estudei em um colégio menor, onde fui alfabetizada (com muita dificuldade, vale mencionar). Nessa minha primeira escola, a educação só ia até o que, naquela época, chamávamos de “CA”, então, quando eu completei sete anos, foi necessário iniciar a busca por um novo colégio. Por ser pequena, não participei tão ativamente da procura, mas minha mãe sempre comenta das dúvidas e dos receios que esse processo gerou. Minha família buscava uma escola acolhedora e com ensino sensível. O lema “formamos agentes de transformação social”, os projetos extracurriculares e os valores católicos nos atraíram.

3. Quais as lembranças mais vivas que carrega da escola?

R: Minha vida escolar foi, em muitas formas, difícil. Apesar disso, guardo lindas lembranças dos meus anos no CSVP, ainda tenho em minha vida amigos que fiz na primeira semana de aula e me guio por vários dos ensinamentos aprendidos enquanto aluna. Lembro muito claramente do momento em que Padre Lauro, na época diretor do colégio, entrou na sala da minha turma, no meu segundo dia de aula no CSVP. Ele pediu que todos escrevêssemos na agenda o seguinte dizer: “Ser feliz por ser bom”. Nunca me esqueci dessa frase e busco moldar meus pensamentos, sentimentos e atitudes a partir dela. Das mais vivas lembranças que carrego, não posso deixar de citar, estão os momentos vi-





vidos na Biblioteca, que se tornou um refúgio para mim, e, também, das aulas na “Sala de Leitura”, as minhas favoritas ao longo de todo o EF1. A convivência com toda a equipe que fazia o colégio funcionar, desde os porteiros, ao pessoal da cantina, passando pelos encarregados pela limpeza, as bibliotecárias, as secretárias, os inspetores e os professores, foi de suma importância para a pessoa e profissional que me tornei hoje. Aproveito para expressar mais uma vez o meu agradecimento a todos esses trabalhadores envolvidos na minha educação.

4. Qual profissão você dizia que queria ter quando crescesse, à época de escola? A expectativa foi mantida?

R: Passei por muitas fases, já desejei profissões das mais tradicionais até as mais inesperadas: bióloga, oceanógrafa, bibliotecária, veterinária, psicóloga, pedagoga, artis-

ta de circo, atriz da Broadway, livreira, dona de floricultura, fotógrafa, mais do que consigo lembrar! No entanto, a escrita sempre esteve no radar. Adorava as aulas de “Criatividade” do EF1, em que preci-

sávamos criar e escrever nossas próprias histórias. Um pouco mais velha, aos 12 ou 13 anos, comecei a escrever poemas que compartilhava com os colegas e alguns professores, logo passei a desenvolver contos e iniciei a escrita do meu primeiro romance infantojuvenil, “Como

Nascem as Estrelas: a história das crianças que não sabem crescer”, ainda no EM, aos 16 anos. Esse primeiro livro foi publicado em 2018, quando eu estava com 19 anos recém feitos, em uma linda noite que lotou a livraria com amigos e professores do CSVP. Nessa época, eu estava no meu segundo semestre da faculdade de Letras – Formação do Escritor na PUC-Rio. Durante os anos de estudos universitários também fiz uma formação em Contação de Histórias com a atriz Priscila Camargo, na CAL, e participei da coletânea de contos “Das Infâncias”, organizada pela professora e escritora Claudia Chigres. Entre 2021 e 2023, para o meu “Projeto de Autoria” (similar ao TCC, mas para o curso de Formação de Escritor), escrevi o romance “Sorriso Sorvete de Cereja” sob orientação das professoras Claudia Chigres e Rosana Kohl Bines, publicado em 2024 pela Editora Cambucá e vencedor do Prêmio Candango de Literatura Lusófona na categoria Melhor Romance. O lançamento deste meu segundo livro, que conta história de uma menina-mulher cheia de nós nos cabelos, também ocorreu em uma linda noite em que antigos amigos e alguns dos meus professores do CSVP apareceram para me prestigiar e conhecer a Rio, protagonista, narradora e verdadeira dona da história de “Sorriso Sorvete de Cereja”. Para os que também desejarem conhecê-la, o livro está disponível na Livraria da Travessa, na Livraria Blooks, no site da editora Cambucá e também em diversas plataformas digitais. Atualmente sigo trabalhando com a escrita e dando aulas particulares e personalizadas de Inglês. Estou no processo de formação para obter minha licenciatura e desejo dar aulas em escolas em breve. Um dos meus grandes desejos é desenvolver um trabalho similar ao da professora “Moniquete”, que coordenava as aulas na Sala

**UM BOM ESCRITOR
É, ANTES DE TUDO,
UM ÓTIMO LEITOR,
ENTÃO LEIAM, LEIAM
O MÁXIMO POSSÍVEL!**

de Leitura. Seria um sonho realizado apresentar literatura para crianças.

5. O que você diria para os jovens estudantes que gostam de escrever, mas têm preguiça ou acham que não vale o investimento? Vale a pena manter um blog hoje em dia?

R: O que é fazer “valer a pena um investimento”? É ficar rico e famoso? Se for nesse sentido, é provável que a escrita, como toda atividade artística no geral, não valha a pena o investimento. Agora, se há o desejo de compartilhar, se há a necessidade de criar, de extirpar do peito um sentimento através de palavras, sim vale a pena. Vale muito a pena. A escrita tem me levado para lugares inesperados e me permitido trocas surpreendentes e maravilhosas. Porém, é preciso ser realista: não é fácil se inserir no mercado literário e viver somente da escrita hoje em dia é quase impossível, então é importante ter outras possibilidades de trabalho (esse é o meu caso, escrevo, mas também dou aula, faço revisão e tradução de textos etc.).

Fazer literatura é uma empreitada, mas o que não é difícil nessa vida? Muitos dos colegas com quem estudei no EM e que optaram por uma profissão mais tradicional e segura também estão penando para conseguir um bom emprego, alguns, inclusive, estão migrando de área para algo menos convencional. Nada nessa vida é uma certeza. Quando eu era mais nova e dizia que queria ser escritora, poucos me levavam a sério, faziam comentários do tipo “vai morar debaixo da ponte” ou “mas de trabalho você vai fazer o quê?”. Se eu tivesse dado mais importância a essas falas e deixado de lado a escrita, acho que eu seria uma pessoa muito frustrada. E o que dizer hoje para pessoas que me fizeram esse tipo de comentário? Olhem só: decidi virar escritora mesmo e não moro debaixo da ponte, trabalho, sim, e esse meu trabalho já me gerou até um prêmio internacional! É claro que ser escritor é uma carreira incerta, mas é uma carreira possível e que pode dar muitos frutos. É uma emoção indescritível ver seu texto impresso, ver suas personagens conquistando leitores, ouvir relatos de leitura de pessoas inesperadas.

Aos alunos que gostam de escrever deixo os seguintes conselhos: não caiam na falácia de que o artista nasce com um dom divino. Ser escritor é prática, é estudo, é trabalho, é rotina. Nada cai do céu. Um bom escritor é, antes de tudo, um ótimo leitor, então leiam, leiam o máximo possível! Leiam da mais alta literatura, perguntem-se o que torna ela tão boa, aprendam com ela, discordem dela, se for o caso. Leiam também aquilo que muitos não consideram “literatura de verdade”, formem sua própria opinião, se um texto te agrada ou te desagrada busque entender o motivo. E pratiquem todos os dias, se proponham a escrever três linhas que sejam. É difícil sim, não será do dia para noite, mas uma hora sua escrita começará a fluir. E o quanto antes vocês perderem a vergonha de mostrar aos outros os seus escritos, melhor. A Literatura é um local de troca, lembrem-se disso.

Em relação a manter um blog: acho que hoje em dia nós não consumimos mais conteúdo em blogs, mas um perfil no Instagram, por exemplo, seria uma boa forma de compartilhar seus escritos.

6 - O que significou para você vencer do 2o Prêmio Candango de Literatura, na categoria Melhor Romance, em 2025?

R: Vencer o 2o Prêmio Candango de Literatura, na categoria Melhor Romance, é uma alegria e uma honra. Mais que isso, para mim o prêmio veio como a confirmação de que meu esforço e meus sacrifícios para escrever e publicar “Sorriso Sorvete de Cereja” e lidar com Rio e seus nós foram reais e valeram a pena.

O prêmio chegou também como uma surpresa, eu concorri com alguns autores renomados da nossa Literatura Lusófo-

A ESCRITA TEM ME LEVADO PARA LUGARES INESPERADOS E ME PERMITIDO TROCAS SURPREENDENTES E MARAVILHOSAS.





na, então eu já estava feliz em estar ali, entre os finalistas. Claro que mantive esperanças por todo o tempo, mas tentei controlar as expectativas. Acho que receber esse título de “autora premiada” me trouxe ainda mais sede de escrever e de compartilhar (que bom!). A premiação me deixou também com a esperança de que mais pessoas lerão meus escritos e buscarão conhecer a Rio. E não posso deixar de citar a alegria que é poder dar orgulho para minha família, para os meus amigos, para os meus antigos professores e também para todos os que participaram de alguma forma da minha caminhada como escritora até aqui.

7. Qual é o seu maior sonho?

R: Acho que parte do meu maior sonho está se realizando no momento: ser escritora, ver meus escritos encontrando leitores e ter meu trabalho reconhecido. O desejo é seguir por esse caminho, continuar a escrever, ler, estudar, ou seja, continuar a fazer literatura.

Também tenho outros grandes sonhos: quero ser mãe e ter minha própria família, quero ler meus livros favoritos nas respectivas línguas em que foram escritos, quero dar

SINTO SAUDADE DA BIBLIOTECA DO CSVP.

aula de Literatura para crianças, quero morar no interior, também quero viajar e ainda preciso ver uma baleia jubarte de perto. Enfim, sou jovem, sei que nem todos os meus sonhos vão se realizar e sei que ao longo do caminho vou encontrar mais alguns.

8. Acha que a escola estimulou a sua produção literária? Qual obra te marcou na sua infância/juventude?

R: Sim, a escola estimulou e influenciou minha produção literária. Já comentei como as aulas na Sala de Leitura

foram importantes para mim, fizeram com que eu me apaixonasse por histórias. O livre acesso à Biblioteca, a Ciranda de Livros, as aulas de Criatividade e depois as de Redação semearam meu amor pela escrita. No EM, devido à proximidade do vestibular, infelizmente a escrita criativa foi substituída pelo modelo de redação Enem, aquele que parece mais uma receita de bolo, mas isso não me impediu de seguir escrevendo o que eu desejava por conta própria.

Na minha infância, gostava muito de Ziraldo, de Maurício de Souza, de Cecília Meireles, de Marina Colasanti e de Monteiro Lobato, autores que leio até hoje! Também adorava “Diário de um Banana”, leitura que compartilhava com os amigos no recreio. Na adolescência, lia de tudo um pouco: Harry Potter e outras sagas, como Percy Jackson, Jogos Vorazes, Crepúsculo, Nárnia etc., e também os clássicos: Jorge Amado, Graciliano Ramos, Clarice Lispector, Jane Austen, Shakespeare (que me apaixonei através das aulas de Inglês do EM), Nelson Rodrigues (que conheci nas aulas de Literatura também no EM), Marcel Proust, Agatha Christie, Caio Fernando Abreu, Fiódor Dostoiévski, Edgar Allan Poe... Lia de tudo mesmo. Se algum livro pipocasse nas aulas de Literatura, eu ia correndo à biblioteca pegá-lo emprestado. Até a Carta de Pero Vaz de Caminha eu li! No período escolar, acho que os livros que mais me marcaram foram: *Uivo*, de Allen Ginsberg, *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez (autor que conheci através da Ciranda de Livros no EM), *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, *A hora da estrela* e *Felicidade clandestina*, de Clarice Lispector, *Peter Pan*, de James Barrie, *Lolita*, de Vladimir Nabokov, *Moby Dick*, de Herman Melville, *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, e os *Contos de fadas* tanto dos irmãos Grimm quanto de Hans Christian Andersen.

Sinto saudade da biblioteca do CSVP.

FORMANDOS 2025



3A BERNARDO MACEDO SARCINELLI LUZ; BRUNO SANTIAGO DE OLIVEIRA; CECÍLIA GONÇALVES DI LELLO; CLARA MENDES DINIZ; DANIEL ETINGER CABRERA; EMILIO JOSÉ BRONSTEIN PASSARO; ERNESTO NEUENSCHWANDER MAGALHÃES GIRALDES SILVA; FELIPE PEIXOTO BITTENCOURT; FELIPE PITANGUY ROMANI DE ALMEIDA; FRANCISCO LINHARES CAMPELO; FRANCISCO PRATA MEIRELLES BRASIL; GUILHERMINA MARSIGLIO PODCAMENI GORINI VIEIRA; JOAQUIM ARAÚJO COSTA; JÚLIA LUCENA MANDARINO; JÚLIA TURA ECHEVERRÍA; JULIANA DO AMARAL MANSUR; LUCAS BOND SALLES; LUISA ASSY ORTEGA; LUIZA REGAZZINI REIS ANTONIO FARIA; MANUELA DA ANUNCIACÃO LAPA LIMA; MARINA GALETTI CARVALHO; MARINA NASCIMENTO RIBEIRO; NINA ALVES BOND; NINA MELO TRIGO DE LOUREIRO; NUNO SPOSETTI BRANDÃO; PEDRO ARMONY PEREIRA; PEDRO RIBEIRO VARSANO; RAFAELA CABRAL SÁ; RAPHAEL TOSTES DA CUNHA E MENEZES; VIVIAN NIELSEN RIBEIRETE; ZION MACÊDO ESPIRITO SANTO DE OLIVEIRA.



3B ALICE NUNES VALIANTE MENDONÇA JARDIM; ALICE RIBEIRO VINGE; ANDRÉ LANNA VICENTE; ANDRÉ PACHECO DE ALMEIDA NEVES; DIMITRI PIELESKI COMBAT; EDUARDA YUMI HIGA GOMES; FELIPE ALVES VASCONCELOS; FELIPE MACHADO BERNARDES; GABRIEL BENEVENUTTI CORTINES LAXE CASTEL; GABRIEL STEFFEN YOUNG; GAIA JAGER ALONSO; HELENA SALDANHA BELLINTANI RIBEIRO; HENRIQUE RIBEIRO FREELAND; ISABELA OLIVEIRA CARVALHO; ISADORA MARTINS DE ALMEIDA; JÉSSICA ALVES DE SOUZA; JOÃO BLASI FERNANDES; JOÃO NUNES PEREIRA MONDIN; JOÃO VICTOR SOUZA DE MELO; JÚLIA DE ARAUJO CARRIERES RATO; JÚLIA REIS DA SILVA; LETÍCIA ROCHA CARVALHO DOS SANTOS; MALENA KILDUFF DE SANTI; MARIA JULIA SALA FREIRE; MIGUEL AMADOR JUNQUEIRA; MIGUEL D'OLIVEIRA ECHEBARRENA; PABLO SAAVEDRA DE VASCONCELLOS LOPES; PEDRO LINS E SILVA NEY; RITA DE CASTRO ARAGÃO; SOFIA HÄRTER VASCONCELLOS; SOFIA MENEZES GOLDKORN; THEO ALMEIDA PINTO COELHO.

